

# Conquista do Bem

ANARCHISTA

## AO QUE VIMOS

Diz um autor de que nos não lembra o nome — Quando tiveres uma ideia, propaga-a, grita-a. — É o que vimos fazer.

O anarchismo tão mal julgado de uns e tão desconhecido de outros, — vimos esforçar-nos por propagal-o entre os oprimidos, os que a fome ameaça a cada passo.

Os principios anarchistas exprimem tanto, segundo nós, os vagos desejos que todos teem de ser livres e bons, que depois de os conhecermos e professarmos sentimo-nos melhores e parece-nos ter conquistado o conhecimento de um bem de que sentiamos a falta sem conhecê-lo.

Não temos illustração bastante para crear principios; mas espalharemos os trechos sublimes de Kropotkine, Reclus, Grave e tantos outros companheiros que fizeram do anarchismo a sciencia mais completa.

Companheiros de boa vontade: lêde-os com attenção e reflexão, dispostos a seguirdes o bom caminho e bem depressa sereis seduzidos pela ideia que é tão boa e justa.

Aos que sentirem hesitações estamos promptos a transmittir-lhe o pouco que sabemos nas horas que o nosso trabalho diario nos deixa disponiveis.

## A FAMILIA

I

Se n'um arranco destruidor, movidos por firmes convicções e certos na realisação inevitavel do supremo ideal da libertação humana, nos insurgimos contra a instituição da familia, alarma-se a burguezia na estupidez dos seus preconceitos, accusando-nos de cynismo e perversão moral.

Cinicos e perversos, nós, que desejamos livre o coração humano para as inclinações do seu amor, enquanto elles, os vis hypocritas, o violentam e torturam ao jugo de casamentos forçados, fazendo assim da familia uma instituição tão ignominiosa, como a prostituição sua consequente.

Para o burguez a familia é um bem, porque se harmonisa perfeitamente, segundo a regulamentação dos codigos e a moral religiosa, com a avidez interesseira do seu espirito especulador; para o anarchista, respeitador escrupuloso das paixões humanas e da liberdade individual, a familia não pode deixar de ser um dos peores males que opprimem e aviltam a humanidade, resultando como tantos outros da subordinação da nossa vontade e aspirações naturaes, a leis civis e religiosas, negadoras do direito, da verdade e da justiça.

Para se garantir a si e aos seus o goso exclusivo do producto da sua exploração, o burguez fez do roubo um crime e inventou leis anti-naturaes, condemnando os que o praticam a penas severas, crueis e deshumanas. E no entanto, por mais que lh'o digam os proprios homens de sciencia seus defensores, elle, o eterno rotineiro, esse travão do progresso, não quer acceitar a verdade historica, de que o roubo e o assassinio são as bases fundamentais da propriedade e da familia.

Se quizessemos desenvolver aqui esta affirmação incontestavel, poderíamos recorrer aos profundos estudos de notaveis sociologos e economistas, como Letourneau, Laveley, Elie Reclus e outros, mas dispense-nos o leitor d'esse trabalho, visto que o nosso proposito é tão somente analysar a constituição familiar na sociedade burgueza, em confronto com a união voluntaria da mulher e do homem na sociedade futura.

O que sobre tudo precisamos de assentar como indiscutivel, apoiados na sciencia, é que o homem e a mulher são physiologicamente constituídos de igual maneira no que diz respeito ás suas necessidades naturaes. Isto assente, forçados somos a concluir que a familia, quer na antiguidade helenica, quer na escuridão mediaval, quer no mundo burguez moderno, tem por base inalteravel uma infamia — a sujeição da mulher á vontade imperiosa do homem.

Interpretes do sentimento moral dos seus tempos, os legisladores, nas diferentes epochas da historia, reduziram sempre a mulher a uma condição inferior.

Mais ou menos duramente, todos lhe prescreveram submissão, e é no despotismo do *direito* romano e nas imprecções com que a amaldiçoaram os padres da egreja, que os codigos actuaes se inspiram para collocar a mulher na absoluta dependencia do marido, não lhe permitindo que desligada d'elle, sem macula, nem peccado, possa amar e ser mãe.

Para a degradação feminina concorreram principalmente as religiões. O islamismo recusa-lhe a alma immortal concedida ao homem, o judaismo declara-a impura e serva, e o christianismo pela voz de S. Paulo, de S. João Chrysostomo, de S. João Damasceno e de S. Jeronymo,

torna-a responsavel por todos os males e a causa da perdição do homem.

O poetico e bondoso Michelet, por certo insuspeito aos burguezes, comprehendendo o amor mais ou menos á maneira dos anarchistas, disse em um dos seus livros mais bellos, que na união de duas pessoas de sexos diferentes, aquelle sentimento era tudo e o sacramento uma fixão.

Não o comprehende assim o burguez, concorde em certos casos com a moralidade do grande escriptor, porque tendo retirado os sentimentos affectivos de todos os actos da vida social, elle só procura o interesse e a ganancia, negociando avaramente com a alma e o corpo dos filhos.

A organização economica, vil exploração do trabalhador desherdado pelo ocioso enriquecido, só convem portanto á moral christã, que para ali floresce nos espiritos fracos alimentada pela podridão da ignorancia, proclamando o acto da geração como um crime abominavel e reconduzindo a deus todo o amor, para o declarar illegitimo entre o homem e a mulher!

D'esta forma temos a união sexual isempta do unico sentimento que devia regulal-a, e a familia organizada por contracto, exactamente como se fazem as compras e vendas nas feiras de cavallos. Previnam-se o homem ou a mulher, de um dote, e eil-os aptos para adquirir, elle, uma esposa, ella, um marido.

Posta esta verdade em flagrante evidencia, quem haverá ahí, pois, discordante da conclusão anarchista, de que em vez de se darem um ao outro de corpo e alma no prazer carnal da geração, os conjuges se pagam esse prazer, como o homem paga á mulher e a mulher ao *souteneur*, nas casas de prostituição?

Ponderem sobre isto os que nos aggridem e odeiam, não querendo por falsidade de sentimentos e erros de educação, unir se a nós, para salvar a dignidade humana, rebaixada pela familia e outras iniquidades monstruosas.

Mas elles não ponderam, não; elles não querem ver! Pois bem, é abrir-lhes os olhos e confundil-os em vergonha.

Desconhecedores dos principios defendidos por nós, os verdadeiros amantes da humanidade, os burguezes difamam-nos, insultam-nos, perseguem-nos e matam-nos.

Sem recorrer como elles á insidia e á calunnia, vamos nós, com os argumentos que nos offerece a sciencia e o pensamento dos sabios humanitarios, mostrar-lhes quanta infamia abriga essa instituição sanctificada pelo misticismo doido, de alguns degenerados feitos poetas.

Descança um pouco burguez que vendes as filhas.

Breve continuaremos.

M. d'A.

## VAILLANT

«É de ante-hontem a morte do anarchista Vaillant. Não ha um homem de coração que não tenha os cabellos em pé com esta morte. Vaillant escreveu um testamento e deixou umas cartas, tão serenas, tão nobres, tão honradas, como qualquer soneto de Anthero. Nascido em outra epocha, educado por outra sociedade, posto em frente de outros panoramas, não resta duvida a ninguem de que este dynamitista, que pretendeu dar a um bando de palradores nocivos a honra de os fazer ir pelos ares, se teria transformado num heroe e viria, com a sua fria coragem e a sua fé invulneravel, a praticar actos que lhe valeriam monumentos nas ruas e altares nas almas. No entanto este homem, que julga amar profundamente a Humanidade, e põe fóra d'ella os que ameaça, que ama como qualquer de nós a sua filha, que estima do fundo de alma os seus amigos e só tem palavras illuminadas e bençãos humidas nos labios á hora de morrer — ha uma sociedade curta e estreita que pretende fazel-o passar por um monstro, como se essa palavra explicasse alguma coisa e não fossem monstros todas as creaturas excepçoes que na Arte ou na Acção, deixaram de si memoria aos seus semelhantes. Ninguem quer ver neste guilhotinado um precursor de eras novas, e sobretudo ninguem se assombra de que haja um carrasco, um homem pago e profissional, bastante forte e socegado na justiça dos homens para tirar a cabeça a outro que nem ao menos é um mau, e em seguida ir socegadamente almoçar com os seus e á noite dormir sem um sobresalto. Qual é o maior moustro, dizei lá! Vaillant, ou Deibler?»

(Das Palavras Loucas.)

Alberto d'Oliveira.

## CARTAS VERMELHAS

I

### A propaganda pelo facto

Companheiro: Mal avisado andaste em vir bater ao meu ferrolho. Ninguem como eu é incompetente para desfazer as pequenas duvidas, as imperceptiveis exitações que te assaltam, uma vez por outra, ao meditaes com todo o fervor da tua alma intelligente e boa, nas doutrinas anarchicas, que, com tão ardente entusiasmo professas. Não quero, porém, que pela raiz dos cabellos te passe a ideia humilhante de que busco na inaptidão propria, um escudo ou um sophisma á espinhosa tarefa sobre os meus hombros por ti lançada, na melhor das intenções, é claro.

Ao correr da penna e com o coração nas mãos ir-me-hei desvencilhando, consoante as minhas forças e o meu modo de vêr pessoal — e talvez exclusivo — da obrigação que a tua amizade me impoz e por assumptos da nossa palestra d'hoje vá d'escolher, se te apraz, a questão melindrosa da propaganda pelo facto que tantos apostolos já conta no nosso martyriologio e que tantos e tão estupidos odios nos acarreta da banda dos sensatos pensadores da burguezia contemporanea.

Certo, eu não lamento as *pobres victimas* da dynamite, tão choradas pela imprensa assalariada das classes dirigentes, e não me sentirei grandemente commovido se acaso topar um dia com os estilhaços fumegantes d'um parlamento e das suas respectivas carcassas palradoras.

Pelo contrario, sinto-me levado a confessar ser esse o mais efficaz elemento de propaganda n'um paiz — e aqui é que bate o ponto — onde as nossas forças sejam sufficientes para que o sequestro de uma duzia de companheiros, a sua condemnação á grilheta ou mesmo á guilhotina, as *perseguições correspondentes* aos que da rede policial conseguem escapar, longe de aniquilar ou pelo menos paralisar os nossos trabalhos, apenas consiga afervorar, pelo desejo da desforra, os que até ahí menos predispostos para a lucta se mostravam.

Mais claro: Nas regiões onde o anarchismo ganhou raizes, onde são quasi tantos os companheiros como os habitantes, onde o espantallo da authoridade, por mais que faça, seja impotente para debellar o vibrião anarchico — para me servir d'um termo ha muito em voga — ahí, n'essas regiões, eu approvaria as violencias, seria d'ellas apologista embora por tal me alcinhassem de feroz algoz do existente.

E approval as-hia por humanidade que não por odio. Approvaria o sangue, o exterminio de uma parcella insignificante, porque odeio o sangue, o exterminio de milhares, de milhões de victimas que tantas seriam as vidas roubadas pela guerra que amanhã rebentasse na Europa, que tantas — que muitas mais!... tem sido as vidas pela guerra, roubadas no decurso do seculo que vae correndo.

Approval-as-hia porque n'um meio assim preparado uma lata de sardinhas e umas cabeças de prego, com o competente explosivo, adiantava 10 annos o advento da Revolução Social que, para todo o sempre nos livrará da guerra e de todo o cortejo de monstruosidades de que a sociedade burguezia faz gala e titulo de gloria.

Mas n'outras condições... entre nós, por exemplo, onde o mais inoffensivo busca-pé daria aso ao burguez timerato e vingativo de fazer passar pelas armas todos os anarchistas portuguezes, a propaganda pelo facto seria mais que uma loucura, seria uma arma meramente reversiva que eu não duvidaria em supôr empregada... por conta d'elles e risco nosso.

A nossa propaganda é, deve e não pôde, por emquanto, deixar de ser outra. D'ella te fallarei depois.

Lisboa, maio de 94.

Marnix.

O rico é um verdadeiro parasita que vive do trabalho dos que nada têm.

Sulter Laumann.

## EMILIO HENRY

### A sua condemnação — Declarações — A execução

Emilio Henry, auctor das explosões da rua des Bons Enfants e do Terminus, foi, pelo tribunal do Sena, condemnado á morte, no dia 28 d'abril ultimo.

Quando lhe perguntaram se tinha *mais alguma coisa a allegar em sua de-*

*feza*, fez as declarações de que já um diario lisbonense e o nosso collega *A Propaganda* publicaram trechos.

Ahi vão alguns:

«Sou anarchista ha pouco tempo. Não foi senão nos meados do anno de 1891 que me lancei no movimento revolucionario. Antes d'isso tinha vivido em meios inteiramente saturados da moral actual. Havia sido habituado a respeitar, e até a amar, os principios da patria, da familia, da auctoridade e da propriedade.

«Mas os educadores da geração actual esquecem com muita frequencia uma coisa: é que a vida com as suas luctas e desastres, com as suas injustiças e iniquidades, se encarrega perfeitamente, a indiscreta, de descerrar os olhos aos ignorantes e de lh'os abrir para a realidade. Foi o que me aconteceu, como acontece a todos. Tinham-me dito que esta vida era facil e largamente aberta aos intelligentes e aos energicos, e a experiencia mostrou-me que só os cinicos e os reptis podem arranjar um bom logar para o banquete.

«Um momento atraído pelo socialismo, não tardei em affastar-me d'este partido. Tinha muito amor á liberdade, muito respeito pela iniciativa individual, muita repugnancia á encorporação, para tomar um numero no exercito matriculado do quarto estado.

«De resto vi que no fundo o socialismo nada muda á ordem actual. Sustenta o principio auctoritario, e este principio, apesar do que poderão dizer supostos livres pensadores, não é senão um resto da fé num poder superior.

«Foi n'este momento que entrei em relações com alguns companheiros anarchistas, que hoje considero como os melhores que tenho conhecido.

«O caracter d'estes homens seduziu-me immediatamente. N'elles apreciei uma grande sinceridade, uma franqueza absoluta, um desprezo profundo de todos os preconceitos, e quiz conhecer a ideia que produzia homens tão diferentes d'estes, que até então havia conhecido.

«Esta ideia encontrou no meu espirito um terreno preparado pelas observações e reflexões pessoais, para a receber. Não fez senão precisar o que em mim havia de vago e fluctuante.

«Tornei-me então anarchista.

«Mas porque, dizem os senhores, ir atacar consumidores pacificos que ouvem musica (no café), e que talvez não sejam nem magistrados, nem deputados, nem funcç onarios?

«Porquê? É muito simples. — a burguezia fez um monte dos anarchistas. — Um homem só, Vaillant, havia lançado uma bomba: os nove decimos dos companheiros nem sequer o conheciam. Isto nada fez para o caso. Perseguram em massa. Todos quantos tinham algumas relações anarchistas foram atormentados.

«Pois bem! Desde o momento que tornam um partido inteiro responsavel dos actos d'um homem só, e que castigam em massa, nós tambem castigamos em globo.»

No final Henry não desmentiu a sua corajosa serenidade anterior. Ouviu a sorrir o veredictum e a sentença. Esta, po-

rém, arrancou-lhe uma exclamação: — Camaradas! Coragem, e viva a anarchia!

Na sala onde esperava para ser levado para a Conciergerie, Emilio Henry fumava com visível satisfação e alegremente um cigarro.

— «Ainda bem! dizia elle. Aqui estão ao menos jurados que não teem medo! Condemnaram-me à morte; fizeram bem. D'aqui a pouco será a sua vez.»

O advogado aconselhou-o a que apellesse immediatamente.

Respondeu:

— «Nem hoje, nem amanhã. Não reconheço a justiça que me condemnou. É pois inutil insistir. Nem estou para apellar, nem para assignar um pedido de clemencia.»

As 8 horas da noite entrava na sua cellula da Conciergerie, e dizia para os guardas encarregados de o vigiarem:

— «Emfim! está acabado! Vou poder dormir. Tenho muita precisão d'isso, mas primeiro vou comer com prazer.»

Effectivamente comeu com grande appetite.

Contam as gazetas que Emilio Henry já foi guilhotinado. Um telegramma diz assim:

«PARIS, 21 — O anarchista Henry foi justificado hoje ás 4 horas e meia da manhã. O condemnado dormia profundamente, quando os magistrados foram despertado-o.

O director da prisão disse-lhe:

— Tende coragem!

Henry não respondeu nada, mas empallideceu de um modo horroroso e vestiu-se nervosamente.

Recusou os socorros da religião. Quando lhe faziam a toilette para a guilhotina, disse a um carrasco:

Sois vós, Deibler!

Depois não proferiu mais palavra até á sahida da prisão, mas ao transpôr o limiar da porta gritou com voz estrangulada: «Camaradas, coragem! Viva a anarchia!»

Tinha o semblante livido e os olhos fulgurantes.

No momento em que os ajudantes do carrasco o impelliram para cima da tabua da guilhotina gritou de novo com voz mais firme: «Viva a anarchia!»

Então cahiu o cutello, e o corpo e a cabeça do justificado foram arremessados ao cesto. Estava satisfeita a justiça.

Depois da execução foram presos tres individuos por haverem gritado: «Saude-mos Henry! Viva Henry! Viva a communa!»

Esta sociedade depravada, corrupta e immoral não se convence de que não ganha nada mattando. Pois bem. Ao seu odio respondamos com o nosso odio! Á guerra respondamos com a guerra!

Como Pallás dizemos: A vingança será terrivel!

Não perdoemos a ninguém!

Que importa que seja um sabre, um baculo ou um chapéu de chuva que nos governe!... E' sempre um cacete!...

Th. Gautier

Está de ha muito julgada e condemnada esta velha sociedade. Faça-se justiça! Destrua-se este velho mundo... onde perece a innocencia, prospera o egoismo e o homem é explorado pelo homem! Arrasem-se esses sepulchros caidos, onde reside a mentira e a iniquidade!

H. Heine.

## MENDICIDADE

Com este titulo impinge-nos o *Defensor do Povo* (sic) um *discurso* da moral-sinha burgueza.

Estrangeiros e creancinhas, rotos cheios de fome, são os que mais indignam os seus bons corações.

Pois atreverem-se a importunar-os a pedir-lhes esmola, a dizer-lhe que ha dias que não comem, que passam as noites ao relento, a elles que vivem contentes e regaladinhos da vida—Que corja! Que malandragem! morram de fome mas não os encomodem. Tudo para a cadeia!

Mais paciencia, senhores escrevinhadores, lembrem-se ao menos de que nem todos têm *habilidade* de Defensores do Povo (Povo n'este caso quer dizer rico) e que talvez alguma das creancinhas, de quem a miseria tanto os importuna, seja filho d'algum dos seus *amigos*, vivendo ricos e regalados, e a quem a sociedade considera homens honradissimos. Que torpezas a lei portege!

Tem razão: Quem tem fome não deve pedir tem o direito a prover-se do que necessita onde o encontre com abundancia.

Por meios brandos nada se consegue: fazei-vos temer.

Helvétius.

## A ideia anarchista e o seu desenvolvimento

Anarchia quer dizer negação da auctoridade. Ora a auctoridade pretende justificar a sua existencia na necessidade de defender as instituições sociaes: Familia, Religião, Propriedade, etc., e creou uma multidão de engrenagens para se assegurar o funcionamento e a sanção. As principaes são: Lei, Magistratura, Poder legislativo e executivo, etc. Forçada a tratar tudo, a ideia anarchista, teve, antes de atacar os prejuizos sociaes, de estudar bem todos os conhecimentos humanos, para demonstrar que as suas concepções eram conformes a natureza physiologica e psychologica do homem e adequados á observação das leis naturaes; emquanto que a organização actual ia d'encontro a toda a logica e a todo o bom senso, o que faz com que as sociedades sejam instaveis, destruidas por revoluções causadas pelos odios accumulados, dos que são esmagados pelas instituições arbitrarías.

Combatendo a auctoridade têm os anarchistas que atacar todas as instituições de que o poder se criou defensor, e de que procura demonstrar a necessidade, para legitimar a existencia propria.

A largou-se o quadro das ideias anarchistas. Partido d'uma simples negação politica, o anarchista tem que atacar tambem os prejuizos economicos e sociaes, e achar uma formula que, negando a propriedade individual, base da ordem economica d'agora, affirmasse ao mesmo tempo as aspirações da organização futura, e a palavra—communismo veio, muito naturalmente, tomar logar ao lado da palavra—anarchia.

Mais adiante veremos que ha quem tenha pretendido que significando a anarchia completa expansão da individualidade, as palavras communismo e anarchia, se não podiam ligar. Demonstraremos, ao contrario d'esta affirmação, que a individualidade não pode desenvolver-se senão na communidade; que esta ultima não podera existir se a primeira se não evoluciona livremente e que se completam uma a outra.

É esta diversidade de questões a atacar e a resolver que fez o successo das ideias anarchistas e contribuiu para a sua rapida expansão: é assim que, lançadas por um grupo de desconhecidos, sem meios de propaganda, envadiram hoje as sciencias, as artes e a litteratura, com um successo mais ou menos grande.

O odio á autoridade, as reivindicações sociaes datam de longe: começaram logo que o homem viu que era opprimido. Mas quantas phases e systemas deveu passar a ideia para chegar a concentrar-se na forma actual?

(Continua)

João Grave.

Toda a diminuição do poder politico, quer ella provenha das attenuações externas, quer provenha da decadencia propria, é sempre um lucro para uma sociedade em progresso.

Ramalho Ortigão.

## CARTAS VERMELAS

Devido á penna do nosso companheiro Marnix começamos hoje a publicar umas cartas com o titulo que nos serve de epigraphe.

Serão publicadas por series:

1.<sup>a</sup> Serie: A propaganda.

I A propaganda pelo facto—II A nossa propaganda—III Nós e os revolucionarios burguezes—IV O socialismo indigena-orgão officioso do Terreiro do Paço—V Sós e livres VI—Faze o que te apraz, mas pensa o fazes.

2.<sup>a</sup> Serie: Os principios a destruir.

I A burguesia e os seus preconceitos. II A Patria—III A propriedade. IV A familia—V A auctoridade—VI A religião e a lei.

A anarchia, de que tanta gente se espanta por má interpretação do vocabulo, é uma das naturaes manifestações do progresso.

Adelino Neves.

## PURAS PALAVRAS

Se fallo não é para me defender dos actos de que me accusam; só a sociedade é a responsavel pondo, com a sua organização, os homens em continua luta uns com os outros. Realmente vemos, em todas as classes e em todas as profissões, gente que deseja, não direi a morte porque soa mal ao ouvido, mas a infelicidade dos seus semelhantes, se isso lhe poder dar vantagens.

Exemplo: um industrial que faz votos para que todos os concorrentes desapareçam; e os commerciantes não ambicionam reciprocamente serem sós a gosar das vantagens que dá este genero d'occupação?

Não ambicionava o operario sem tra-

balho que o seu companheiro seja despedido da officina para lhe tomar o logar?

N'uma sociedade onde semelhantes fatos se repetem, não deve haver quem se surpreenda d'actos no genero dos que pratiquei e que não são mais do que a consequencia logica da luta pela existencia entre homens que, para viverem, são forçados a empregar toda a especie de meios.

Visto que cada um só trata de si, aquelle que tiver fome é forçado a pensar assim:

Com esta organização da sociedade, não devo hesitar quando tenha fome a empregar os meios á minha disposição, ainda que tenha de fazer victimas! Quando os patrões despedem os operarios, importam-se se elles morrerão de fome? Os que tem mais que o preciso importam-se se ha gente a quem falte o pão?

Concordo que ha alguns que dão esmolas: mas são impotentes para melhorar a sorte dos miseraveis, que morrerão prematuramente pelas privações de todas as especies, ou voluntariamente por suicidios de toda a natureza para porem fim a uma existencia miseravel e não têm que supportar os rigores da fome, as vergonhas e humilhações sem numero, e isto sem esperanza de as nunca acabar.

Assim acontece com a familia Hayem e com a mulher Sonhaim, que mataram os filhos para não os verem soffrer mais; e todas as mulheres que, com receio, não poderem alimentar um filho, não hesitam a comprometter a saude e a vida destruindo no seu seio o fructo dos seus amores.

Tudo isto se passa no meio da maior abundancia de tudo o preciso!

Comprehendia-se que assim acontecesse n'um paiz onde os productos fossem raros, onde houvesse fome.

Mas em França, onde reina a abundancia, onde os talhos estão cheios de carne e as padarias repletas de pão, onde as roupas e o calçado são postos aos montões nos armazens; onde ha casas deshabitadas!

Como se pôde admittir que a sociedade está bem orgadizada, quando se vê o contrario d'uma maneira tão clara?

Ha muitos que lastimam todas estas victimas, mas que dizem nada poder remediar: que cada um se arranje conforme poder.

Que hão de fazer aquelles a quem trabalhando lhe falta o necessario, se acaso o trabalho lhes faltar? Não tem mais que deixar-se morrer de fome; os que comem lançarão algumas palavras de compaixão sobre o seu cadaver.

Eu não quiz proceder assim.

Preferi fazer-me contrabandista, moadreiro falso, ladrão e assassino. Poderia mendigar: é degradante e covarde, e mesmo punido pelas vossas leis que consideram a miseria um crime. Se os necessitados em vez de esperarem, se aposassem do que precisam onde o ha, por qualquer meio, os satisfeitos mais depressa veriam que é perigoso querer consagrar o estado actual da sociedade, em que reina o desasossegado e a vida é ameaçada a todos os instantes.

(Continúa)

Ravachol.

Estou convencido de que se os homens são maus, a culpa é das leis.—Mably.

## A MISERIA

Não percebendo os proletarios embrutecidos pelo dogma do trabalho, que o excesso de trabalho que se impozeram durante o tempo de supposta prosperidade é a causa da miseria presente, em vez de correrem para os celeiros de trigo e de gritarem: «Temos fome, queremos comer! Na verdade não possuímos um real mas assim ralé como somos, fomos quem segou o trigo e vindimou a vinha...»—Em vez de assaltarem os armazens do sr. Bonnet, de Jujurieux, o inventor dos conventos industriaes e de exclamarem: «Sr. Bonnet, eis aqui as vossas operarias torcedeiras, fiandeiras e tecedeiras tiritando debaixo d'uns vestidos de chita tão rotos e remendados que de vê-las até um judeu choraria, e contudo foram ellas que fiaram e teceram os vestidos de seda das cocotes de toda a christandade.—As pobresinhas a trabalhar treze horas por dia, não tinham tempo de pensar na sua toilette; agora, que não têm trabalho, sobeja-lhes o tempo para se vestirem com as sedas que antes fabricaram. Desde que lhes cahiram os dentes de leite, têm vivido na abstinencia dedicando-se ao augmento da vossa fortuna; agora que têm descanso, querem gozar um pouco do fructo do seu trabalho. Vamos, sr. Bonnet, entregue as sedas, que Harmel dará as cassas, Pouyer-Quertier dará os algodões e Pinet dará os sapatinhos para aquelles pésinhos tão lindos, mas frios e humidos. Assim vestidas de novo, dos pés á cabeça, e travessas como são, até dará gosto vel-as. Vamos, nada de indecisões;—o senhor é um amigo da humanidade, não é verdade, e ainda por cima, christão?—Ponha á disposição das suas operarias a fortuna que ellas lhes fizeram com a carne da sua carne.—Pois não é amigo do commercio?—Facilite a circulação das mercadorias; aqui tem os consumidores sem ter trabalho de os procurar; abra-lhes creditos illimitados. Já se viu obrigado a abrir-os a commerciantes que não conhecia nem pelo lado de Adão nem pelo de Eva e que nunca lhe tinham dado nada, nem sequer um copo de agua. As suas operarias depois pagarão conforme poderem; se no dia do vencimento, gambettarem e deixarem protestar a letra abra-lhes fallencia e se não tiverem que dar ao arresto exija-lhes o pagamento em rezas: muito melhor poderão ellas mandal-o para o ceu, do que os da batina preta com o nariz entupido de rapé.»

Em vez de aproveitarem as occasiões de crise para fazer uma distribuição geral dos productos e uma festa universal, vão, os operarios, morrendo de fome, bater com a cabeça á porta das officinas. Vão enlão com a cara macilenta, o corpo emmagrecido, assaltar os fabricantes com rogos de pedintes: «Bom sr. Chagot, amoroso sr. Schneider, dae-nos trabalho, não é a fome, mas sim a paixão do trabalho que nos atormenta!» E estes miseraveis que têm apenas força para se sustentar de pé vendem doze, quatorze horas de trabalho metade mais barato do que quando tinham pão em casa.

Do «Direito á Preguiça».

Paulo Lafargue.

## Echos & Noticias

Diz um jornal qualquer:

### A MORRER DE FOME

«Na Calçada da Gloria foi encontrado na noite passada, um rapazinho quasi a morrer de fome. Os paes expulsaram-no ha dias de casa.»

Em quanto os armazens se encontram cheios de viveres morre este miseravel á fome!.. Não terá direito á vida como qualquer burguez?

Maldita sociedade!!

Em Roubaix deu-se no dia 17, á noite, uma sangrenta collisão entre a policia e os anarchistas que percorriam as ruas cantando: «Abaixo a França! Viva a Internacional!» Ficaram feridos varios manifestantes. Effectuaram-se 6 prisões.

Estão em grève geral os operarios do porto de Stetin, que reclamam o augmento de 20 por cento nos salarios.

O geral socego do dia 1.º de maio foi perturbado em Hamme, Belgica, por um conflicto entre 4:000 grévistas e os gendarmes. Balanço da acção:—pedradas, uma carga de baioneta, um morto e alguns feridos. Aos grévistas foi concedido o que queriam:—augmento de salarios.

Diz a Voz do Operario:

«Como se sabe foi por determinação do congresso internacional de Paris em 1889, que o 1.º de maio ficou como dia escolhido para santificação de S. Explorado.»

E então diz isto com uma tal gravidade...

## Conquista do Bem

CADA NUMERO 10 RÉIS

A cobrança será feita por series de 10 numeros, com o acrescimo do porte do correio.

Aos camaradas que possam encarregar-se da distribuição da *Conquista do Bem* em cada localidade, pedimos a fineza de se nos dirigirem, afim de evitarmos as despesas do porte do correio.

A correspondencia será dirigida: Rua da Louça, n.º 80, 2.º—Coimbra.

## Bibliotheca anarchista

A minha defeza, de Etiévant.	30 réis
A lei e a auctoridade, de Kropotkine .....	40 réis
O Salariato, de Kropotkine .	30 réis
A Revolta, 2.ª série, 44 numeros .....	400 réis
Pedidos a A Propaganda—Travessa de Sant'Anna, 27.—Lisboa.	

EDITOR—Antonio José da Costa

Typographia e Administração  
—Rua da Louça, n.º 80, 2.º

# Conquista do Bem

ANARCHISTA

21 DE MAIO

Em Paris, na praça da Roquette, é guilhotinado Henry;—em Barcelona, castello de Montjuich, são fuzilados Archs, Bernard, Cerezuela, Codina, Sabat e Sogas.

Feitos de immensa gloria—para as justicas burguezas—são estes que a sua imprensa se apressa a detalhar, como que a querer mostrar aos propagandistas da anarchia a sorte que lhes reservam.

Seja.

E no entanto—sublime audacia—nem o succeder das execuções, nem as prisões continuas, nem as buscas domiciliarias constantes, nem as torturas infamissimas inflingidas aos que a lei tem querido e podido alcançar, conseguiram ainda arrefecer fé que anima e impelle para a luta os nossos camaradas.

Victimas d'um dominio que repousa sobre um *systema* estupidamente igoista, requintadamente autoritario, somos forçados a collocar-nos fóra da lei, a perseguil-a na pessoa dos seus representantes e defensores.

Arroga-se a lei o direito de nos massacrar, de nos dar á morte em publicos espectáculos, porque dispõe da força e de innumerous meios para nos alcançar? Faça-o, prosiga na sua obra, que a nós assiste o direito da defeza; por nossa vez utilizaremos os meios que temos. A lei, executando-nos, vingará a sociedade offendida pelos nossos ataques—nós procuramos vingar os nossos camaradas, antes perseguidos apenas porque francamente, lealmente, proclamam e incitam á revolta contra o *systema* social que nos escravisa, e depois levados ao patibulo porque responderam ás aggressões brutaes de que são alvo com a propaganda pelo facto.

A adopção da dynamite não teve outra origem que não fosse o despotismo da lei, o livre arbitrio da autoridade, mas dadas as circumstancias em que essa lei e essa auctoridade collocaram a questão, a dynamite tornou-se um elemento de defeza necessario ao anarchista, como á lei o estão sendo a tortura, a força, a guilhotina, os fuzilamentos, emfim, as bayonetas dos exercitos, compostos de espoliados que, dada a sua carencia de educação intellectual e embutecidos pelos rigorismos d'uma disciplina que envergonha, acceitam inconscientemente o torpissimo papel de perseguidores e algozes d'aquelles, cuja obra visa á conquista da liberdade humana, a emancipar o homem dos ridiculos preconceitos que determinam a divisão de classes, e por consequencia a existencia de famintos, remediados e opulentos.

De resto, bem o vêem os senhores da lei, os sustentáculos da moralidade burgueza—a sua obra é nulla para conter a

corrente revolucionaria, desde que a sua origem está na situação miseranda e desesperada em que o convencionalismo burguez colloca os habitantes das officinas e das fabricas, os arroteadores da terra, o mineiro, o proletariado em geral.

Pois que, havemos de soffrer em silencio e resignados todas as privações, todas as difficuldades—comer pouco e mau, habitar mesquinhos casebres, vestir miseravelmente... nós que trabalhamos, enquanto o capitalista ocioso, o parasita que vive dos rendimentos e a que bem cabe o nome de *simple sacco digestivo*, passa bem, ostenta os meliores luxos, usa os ricos tecidos que fabricamos, gosa, numa palavra, tudo isso que é obra nossa mas de que não podemos gozar—sómente porque aqui se levanta uma força, acolá se arma uma guilhotina, além está um pelotoão de armas á cara?...

Repare a lei nos fructos da sua obra. Attente no numero de executados depois da carnificina de Chicago, e admire como, apesar de tudo, em actos successivos se vai vingando a memoria dos nossos martyres. É cada um a quem vez toca, apresenta-se firme e ousado em frente do instrumento que o vai victimar; nem uma supplica, nem um pedido de misericordia:—ao contrario, apregoam a sua fé ainda no momento do sacrificio, e procuram transmitir, num ultimo grito, as suas crencas e o seu valor aos companheiros que sobrevivem, para que os sigam na obra por que morrem. Olhem Pallas, olhem Vaillant, olhem Henry, olhem todos!...

Sublimes! Tão sublimes quão ridicula e cobarde é a lei, a tremer de medo á simples ideia d'um pequeno cartucho de dynamite, apesar de todos os seus meios de defeza, de todos os instrumentos que possui para nos dar a morte.

Santiago! empresta á lei os teus ossos... Samsão! faculta-lhe a caxada de burro... para ver se se fortatece, se não treme amedrontada, que nós preferimos morrer na luta a sermos victimados pela tísica, consequencia do trabalho demasiado, sem conseguirmos o necessario para viver.

O militarismo é a escola do crime.

Hamon.

## A FAMILIA

11

Amar, isto é, prender a vida a outra vida, pela impressionabilidade dos sentidos e afinidade dos sentimentos, é uma necessidade psicologica tão exigente, como as necessidades physiologicas de comer e dormir. Saciando a fome, o in-

dividuo conserva-se, satisfazendo o amor reproduz-se.

Em virtude da organização economica da sociedade burgueza, o individuo que trabalha, não pôde prover á sua alimentação, segundo o seu apetite e as exigencias da sua constituição organica, pois devendo comer quotidianamente um kilo de carne, pelo menos, come com escacez, em épocas de maior fortuna, sardinha pôdre e borôa aspera; assim tambem, pelo mesmo motivo, o individuo que ama, é forçado a conter os impulsos do seu coração e a reprimir o seu instincto reproductor, deixando de completar por livre vontade um acto natural de fins elevados, para ceder ás conveniencias materiaes e contrariar-se e mentir aos que o cercam, acceitando o casamento lucrativo, de preferencia á união por amor.

Não convém ao egoismo especulador do burguez, que a humanidade cumpra livremente as legitimas tendencias da sua natureza. Tudo subordinado ao lucro! E assim temos na alimentação insufficiente e na copula sem amor, duas causas da degenerescencia humana.

Como se fórma a familia na sociedade burgueza? Já o dissémos: por um contracto interesseiro, em que um dos conjuges é sacrificado até ao martyrio da alma, ao aborrecimento da vida, quando os dois não se deram as mãos com mutua repugnancia dos seus corações.

Ao casar-se, a mulher perde sempre com a sua virgindade, a sua liberdade, e o homem se não fica privado dos seus direitos de solteiro e antes adquire a mais o de poder violentar a mulher ao seu capricho, faz o tormento e o desespero da sua existencia inteira, sacrificando quasi sempre a paz do seu espirito.

E que isto assim é, torna-se facil proval o aos que, por teimosia malevola ou irreflexão não querem acreditar-nos.

São diversas as circumstancias em que a familia se constitue, sob as mesmas condições á face da igreja e do co-digo.

*Primeiro caso:* A mulher so teira, mais exposta á calunnia que a mulher casada, recorre ao casamento para manter intacta a sua reputação. É que em vez de a proteger aos ataques da seducção, a sociedade nega-lhe os meios de viver, abandona-a nas exigencias das suas necessidades aos horrores da lucha pela existencia, despreza-a na maternidade e trata-lhe os filhos como escravos, pondo-os fóra da lei, se o pae os não reconheceu. Resulta d'aqui achar-se a mulher pobre desesperadamente collocada entre a prostituição e o casamento vantajoso.

As filhas dos proletarios, andando mais expostas aos abusos dos seductores e mal ganhando no arduo trabalho das officinas, para matar a fome, entregam-se á prostituição.

As burguezas e aristocratas sem fortuna, creadas na ociosidade e no luxo, resolvem-se pelo casamento. Para se garantir o seu bem estar material — facto vulgarissimo — a mulher pobre entrega-se pelo casamento ao homem rico que o seu coração detesta. Illudido pelos falsos sorrisos da noiva, casa-se o homem, vindo pouco depois a reconhecer com amargura pelas exigencias caprichosas da esposa, que ella só pensa em si, nas suas *toilettes*, em bailes, theatros e passeios.

*Segundo caso:* Homens pobres tendo um titulo nobiliarchico, um bacharelato, um capelo, uma posição na politica, para se crearem uma vida commoda e despreocupada, fazem cerco amoroso á herdeira millionária d'um negociante, industrial ou agiota. O burguez vaidoso, aspirando ao respeito d'um meio considerado superior pelo convencionalismo social, julga ennobrecer-se, tornar-se grande, aparentando-se com o pretendente da filha e depois de convenientemente dotada, cede-lh'a. Seduziu-a o lucro da importancia. Neste caso, a burguezita foi levada ao casamento pelo desejo de se elevar ás suas eguaes, de se aristocratizar e experimentar os prazeres da vida mundana. O marido gosa-lhe o dote e ella diverte-se.

*Tercio caso:* Homens sem posição, descendentes de gente rica, acostumados ao viver regalado e que liquidaram as heranças no jogo e na orgia. Querendo garantir-se um futuro, longe da cadeia e do hospital, estes vadios da alta roda, instruem-se na arte de seduzir, vestem-se a primor, perfumam-se, frizam-se, dão-se maneiras galantes e percorrem os salões da burguezia á caça da mulher que mais vantagens lhes offereça.

Perseguindo-as calculadamente, enternecem-nas até ao amor, e se a mãe não cede e o pae reage, raptam nas. Para salvar a honra da familia, o burguez dota a filha e apressa-lhe o casamento com o raptor. Pobre d'ella que d'ahi a pouco se desillude, chorando a liberdade que perdeu, enquanto o marido abusa da sua, desperdiçando-lhe o dote com amantes de acaso.

Os tres casos que apresentamos, soffrendo diversas variantes que a seu tempo mostraremos, comprehendem quasi na sua totalidade — ninguem o ignora — os casamentos realisados na sociedade burgueza. Em todos esses casos que evidenciamos claramente e expomos á critica dos falsos moralistas para que os contradigam, se d'isso são capazes, o resultado final é o adulterio, que a igreja e o codigo esquecem como coisa futil se o homem o commetteu, considerando-o um acto deshonoroso e condemnavel se foi a mulher que delinuiu num arrebatamento de amor.

Boinita moral, não ha duvida. O homem, por simples goso sensual, trahe a mulher a cada momento, não tendo ella — oh pobre escrava! — o direito de revelar-se na sua dignidade offendida!

No entanto, se a mulher sentiu o desprezo do marido e cedendo ao capricho irresistivel do seu amor por outro, o trahiui, cobre-a a sociedade de vergonha e desprezo! Revolta-se a dignidade do homem, que a insulta ou lhe cospe e a mata! Todos o applaudem, todos o lamentam.

Mas que moralidade é a vossa, burguezes desalmados, que estabeleceis uma dignidade especial para cada sexo, sendo

a mulher e o homem identicos no sentir da alma e e no proceder dos instinctos?!

Temos mais ainda, e é que, nos tres casos citados, a mãe desce do pedestal de respeito e santidade em que a collocou o idealismo poetico, por deixar de educar a filha nos castos principios do amor, equiparando-se ás alcoviteiras, que perseguem as filhas despreteguidas da miseria, propondo-lhes a venda do corpo.

E já que falei do papel de mãe na sociedade burgueza,ahi vae um trecho surprehendente e esmagador de verdade, que nos permittimos traduzir do livro de Max Nordeaux — *Les mensonge convencionels de notre civilisation*: (1)

«Uma mãe que todo o mundo tem por muito honrada, julgando se ella propria de costumes muito austeros, apresenta á filha um pretendente rico e esforça-se por triumphar sobre a natural indifferença da pequena, com habeis exhortações e preceitos d'este genero: «Será loucura repellir um partido vantajoso, sera altamente imprudente esperar uma segunda occasião, que provavelmente não se apresentará; uma rapariga deve pensar praticamente e desolstruir a cabeça de todas as loucas historias romanescas.»

A esta mãe modelo — quantas conhecemos nós, andando com as filhas á offerta, pelos passeios, theatros e bailes — a esta mãe modelo. é que Max Nordeaux chama alcoviteira. O nome é duro, mas é verdadeiro, por isso o aceitamos, muito embora se irrite contra nós o sentimentalismo hypocrita da poesia burgueza.

*Nem todas as verdades se dizem*, preceitua a moral burgueza. Tende paciencia, que a nossa moral é outra, mais pura, mais sã, pois fundamenta-se, como poderosamente o estabelece J. S. Guyan, o notavel philosopho, no instincto universal da vida, e só a verdade nua e crua esclareceá os espiritos e destruirá a ma fé que pondes em comprehender-nos.

Dissémos atraz, no primeiro capitulo d'este artigo, que a prostituição era uma consequencia da familia. Realmente, se a familia não fosse o resultado d'um contracto, se não se baseasse na especulação, isto é, se o regimen capitalista de que ella faz parte importante, desapparecesse, dando-lhe fim; a mulher sentindo-se independente e assegurada na satisfação de todas as suas necessidades, caso não tivesse um homem a quem se unir, não precisaria de prostituir-se para viver.

Já que aqui chegámos, respondei-nos lá, oh moralistas sem coração. Qual é mais degradante para a dignidade humana, a familia ou a prostituição? A prostituição entendeis vós, sem nos poder dizer porquê. Pois quanto aos anarchistas — tapae os ouvidos oh gente honrada — é a familia, que tendo por base um contracto redunda em negocio, enquanto que a prostituição, tendo por causa determinante a fome, é um meio de vida, legitimo, doloroso para quem o exerce, mas nunca abjecto aos olhos das almas puras e sãmente anarchistas.

Repellis á mulher que nas vielas se entrega ao primeiro que lhes paga e sois vós os primeiros a entregar as filhas aos que, desejando gosal-as, as compram por um dote.

Causa-vos nojo o *souteneur* e no entanto apertaes a mão a mulheres de homens, que para viver sem cuidados illu-

(1) Livro digno de ler-se. Anarchista na observação, se mal que socialista nas conclusões.

diram com falsas promessas de amor uma rapariga de fortuna ou enganaram a uma velha rica.

«O elegante pretendente — é Nordeaux quem falla agora — acolhido com estima em todos os salões, que nas marcas do *cotillon* dá caça a um rico partido, fallando á herdeira com olhos humidos e inflexões melifluas de vós, reúne os seus credores no dia seguinte ao de nupcias e desfalca a esposa no dote que recebeu; este elegante é um malandrim tal e qual o *souteneur* em quem o proprio agente de policia tem repugnancia de tocar».

«Uma rapariga que se vende para sustentar a velha mãe ou o filhinho, está moralmente collocada acima da virgem pudibunda, que sóbe ao leito conjugal por um sacco de libras, para satisfazer a frivola avidez dos bailes e excursões ás *thermas*».

Bastante temos dito até aqui e se não provamos o que queriamos, que nol-o demonstrem os escriptores burguezes.

Muito mais temos a dizer, mas por agora, basta... M. d'A.

## NÓS

A *Propaganda*, depois de noticiar o nosso apparecimento diz que pelos nomes citados no artigo — *Ao que vimos*, pôde parecer que a *Conquista* toma lugar entre os nossos camaradas communistas.

A palavra — anarchista, unicamente sob posta ao titulo, indica que nós acompanhamos os do resto do paiz na sua attitude simplesmente anarchista. Citando os nomes de Kropotkine, Reclus e Grave, não quizemos dizer que fossemos d'esta ou d'aquella escola, mas sim que espalharemos seus escriptos, como meio da propaganda.

Com isto tambem não queremos dizer que não sejamos communistas, porquanto cremos que a sociedade futura será comunista, attendendo a que o communismo representa no estado actual da sciencia a solução mais perfeita e compativel com a anarchia.

Os principios communistas são, para nós, os mais racionaes e os que mais se coadunam com a sociedade anarchica; porém, anarchistas ha que fundam as suas ideias no collectivismo.

A nósso ver, o collectivismo não pôde ser praticado senão numa sociedade onde haja leis e auctoridades. Pois como será possivel, sem isso, arbitrar as compensações ao trabalho?

Não terá de haver um jury com amplos poderes para julgar dos merecimentos e assiduidade de cada um?

Ainda que esse jury seja escolhido livremente, não representará elle a deputação, e portanto a abdicção da nossa autonomia individual? E os que por indolencia natural, fraqueza phisica ou deficiencia do intellecto, não poderem trabalhar em proporção igual aos mais fortes, mais ageis ou mais aptos para o producção?

Comtudo não queremos dizer que — visto pensarmos assim — deixaremos de propagar as ideias dos collectivistas, com que muitos anarchistas concordam. Porque cremos, que para utilidade da propaganda, os anarchistas portuguezes se devem confessar simplesmente — anarchistas — e não pugnar por esta ou por aquella escola.

É o que fizemos e estamos resolvidos a fazer.

## SOFFRAMOS!

A fome é desesperadora, a miseria enorme, nos bairros pobres ignorados da opulencia. Pelas ruas vagueiam creanças quasi nuas, impertrando a caridade publica; nas vielas escuras, raparigas que podiam ser mães e dedicadas companheiras dos homens, ganham o pão vendendo o corpo; aos calabouços policiaes são recolhidos diariamente dezenas de famintos, lançados ao mundo por acaso, batidos de desprezo pela sociedade que lhes nega conforto e auxilio, deixando-os entregues ás reclamações da fome e do frio, não lhes consentindo que as satisfaçam pelo roubo, legitimo direito dos que nada teem, enquanto outros tudo possuem em excesso.

Todo este penar doloroso, de almas que se corrompem, provém d'uma causa unica, extranha á vontade dos que o sofrem.

Vejamos onde está essa causa.

A sociedade egoista, garante por acaso, á farta como se garante a si, o viver sem necessidades das creanças que pedem, das mulheres que se vendem e dos homens que roubam? Cuidou d'elles, d'esses desherdados e doentes, illuminou-lhes o espirito de sciencia, encheu-lhes a alma de virtudes, facilitou lhes o alimento e todos os gosos da vida? Não. Pelo contrario, crescendo de ambição, quanto mais se consolidou na felicidade da riqueza, mais se esquece dos pobres cahidos na voragem da miseria.

Para que se irrita então contra a fome e não permite aos desgraçados que aspirem á fartura? Por si e pelos seus jornaes—o *Seculo* democrata sempre á frente na guerra aos famintos—a sociedade não deixa passar um dia sem apontar o mal á policia, pedindo-lhe severa repressão contra os mendigos, os gatunos e as mulheres faceis. Quer passear á vontade, sem tropeços de creanças chorosas a embarçarem-lhe os passos, quer dormir a noite socegada. E a policia prende e a lei condemnal. Estão cheias de gente as cadeias e os cofres policiaes trasbordam de dinheiro com que as meretrizes andam sempre a comprar a sua liberdade perdida a cada hora.

No entanto, a mendicidade cresce de dia para dia, a prostituição alastra se e os roubos não cessam.

Temos, pois, que a causa do mal não está no proprio mal, como os burguezos querem e os seus jornaes apregoam. A mendicidade, o roubo, a prostituição são os effeitos, e a causa é bem visivel, patententeando-se na organização economica e social, na falsa moralidade d'uma philantropia ostentosa, no direito infundado da posse da terra, das habitações, das machinas, dos productos, da instrução, da liberdade e da justiça, pela minoria dos homens que, ao abrigo da lei armada, impõem a fome á maioria, se ella se arroja a pedir o seu quinhão.

Haverá perversidade equalavel á d'esta sociedade tórpe, mais criminosa que um carrasco?

Deibler, mata num momento, a burguezia suplanta-o em crueldade, matando lentamente com fome.

Horroroso viver o do pobre: se pede correm-no, expulsam-no, se rouba condemnam-no, aviltam-no se é mulher e se vende.

Nem uma só esperanza vos resta neste mundo desordenado e vil. Só a anarchia, destruindo a auctoridade, falla sem mentira ás vossas aspirações. Se as não realisaes desde já, que importa, fôra com o egoismo, e se tendes de soffrer luctando, sacrificae-vos até ao martyrio, na preparação do futuro cheio de bem, em que hão de viver os que vos succederem. Soffrer assim, é um consolo!

No futuro comprehender-se-á mais facilmente a sociedade sem governo do que a sociedade governada.

*Proudhon.*

## OS CONVERTIDOS

Cantam victoria os padres e os carolas quando um homem que durante a sua vida foi um revolucionario racionalista, um renegado do rebanho de deus, ao desprender-se-lhe o ultimo fio da existencia se mostra arrependido e se converte, clamando contra o seu passado, e na duvida da immortalidade da alma, implora ao supposto deus perdão para as blasphemias que lhe tem dirigido e que lhe aceite o arrependimento como sincero e expontaneo.

Cantam victoria, e, sempre que podem—no pulpito, no livro, em toda a parte, emfim—apontam com emphase estas manifestações de conversão, pretendendo com ellas demonstrar que o atheismo é um erro de que mais tarde nos arrependemos!

Citam-se casos, é certo, mas d'elles o maior numero, deixam duvidas, pela suspeição das pessoas, que os affirmam: Victor Hugo, dizem, quando muribundo, declarou que cria em deus; Voltaire, contam, morreu tendo recebido todos os sacramentos, e de muitos homens, conhecidos pelas suas ideias anti-religiosas se apregoa ainda o arrependimento na hora extrema.

Mas essas citações, por verdadeiras que as aceitemos, o que provam? Constituem, porventura, attestados de retratação consciante, sentida, feita sob um perfeito funcionamento cerebral?

Quando o soffrimento é superior á força humana, o homem desfallece, perde a razão, o querer, a noção do que foi, da acção e de valor que imprimiu á crença que o animava, ao ideal que propagou.

O moribundo é assim...

É num tal estado que o assaltam os adeptos da igreja para lhe arrancarem confissões e actos de conversão, que elle pôde fazer, mas cegamente, sem consciencia, sem poder medir-lhes o valor e o alcance.

Positivamente, é nestas condições que hão convertido os atheistas que ouvimos prégar renegaram suas crenças á hora da morte.

Nunca a coacção estúpida que os padres pretendem exercer sobre o muribundo teria conseguido levar a desdizer-se um homem que conscientemente tivesse prégado o atheismo. No pleno uso das suas faculdades mentaes repudiaria a doutrina do padre e expulsaria de junto do leito quantos padres se lhe assercassem para tal fim.

Poderíamos citar, para fazer *pendant*, religiosos que renunciaram os consolos

divinos ao deixarem esta vida, sempre cheia de indecisões e receios.

Ainda não ha muito, morreu em Lisboa um conego que, quando a febre ainda lhe não tinha inutilizado a razão, disse para o parcho que lhe ia ministrar um sacramento: «Guarda isso para os papalvos, collega, para nós não tem valor».

Mas não fallarão mais alto que as palavras proferidas num momento de doloroso soffrer, as obras feitas com todo o sangue frio, pedosamente, no pleno uso das faculdades mentaes, por esses homens que a igreja pretende contar no numero dos seus convertidos?

Não serão eternas? Não terão para a educação dos nossos filhos o valor que tiveram para as nossas?

Triste espectáculo nos offerece quem se não sente com o apoio sufficiente para se sustentar no poleiro falso do reaccionarismo dentro do nicho da comedela e coberto pelo baldaquino da mentira e do obscurautismo.

!!!

*O Conimbricense*, em artigo de fundo do n.º 4:873, depois de fazer a historia da causa determinante das lutas absolutista-liberaes, como demonstração de que este paiz se não compõe apenas de *servis palucianos*:

«O palacio real acha-se, na fórma do costume, cheio de aulicos; e por isso o rei está cercado de lisongeiros que lhe não dizem a verdade.

Pois dir-lh'a-emos nós aqui, como cidadão livre, e para seu governo—*Lembre-se vossa magestade que não pôde haver rei sem nação mas que pôde haver nação sem rei.*

Quem tem ouvidos que ouça.»

Está claro que não poderá ouvir quem não tiver ouvidos. Mas é pindarica esta tirada!... E os seus effeitos?

Os da republica caem de cocaras, mãos ao vento e olhos fitos n'Elle. E pelo visto o seu órgão official não mais O belliscará. Se começa a mostrar-se da *cór*... Os da monarchia parecem desapontados. Espreitam n'Elle um jacobino moderno e quedam numa expectativa assaralhopada.

Mas que ideia tão ratona—Jacobino, o sr. Martins de Carvalho!... Póde lá ser!—E o respeito pela debandada do assignante?! Se não fôra esse fraco...

Mas não se assustem os conspicuos sustentáculos da constituição. Ainda que o sr. Martins de Carvalho faça a republica não verão desaparecer na corrente os seus queridos privilegios.

Da republica portugueza serão dignos ministros Marianno de Carvalho e Emydio Navarro e todos os Emygdios e Marianos que hão dominado nesta Falperra. Esses heroes, depois que o sr. Martins faça a republica, pactuarão com os jacobinos de hoje, com os que lhes chamam nomes feios por dever de officio, e todos, em fraternal convivio, servirão a comunidade burgueza.

Pela afinidade de principios e de fins, republicanos e monarchicos proseguirão na obra de emparar o senaculo burguez, que continuará vida socegada, até que neste *priz*, que se não compõe apenas de *servis palucianos*, appareça algum seguidor de Vaillant que se lembre de os sobresaltar.

Só então poderá haver motivo para apertos de ventre.

## A insubordinação militar

A obediência é o sustentáculo da sociedade burgueza.

É a obediência que a burguezia por todos os modos nos préga, em tudo e por tudo; obediência de todos os feitos e tamanhos—nas leis, no pulpito, no confessional, na imprensa, sem cessar, porque reconhece que se a grande massa popular se convence do que vale e do que pôde quando souber que é a obediência que deve os males que soffre em toda a sua longa vida de trabalhos, correrá com todos os que se arrogam autoridade que não fundam em principio algum natural ou racional.

Qual será o direito com que um homem confirma em si o poder de mandar os outros, quando é certo que é em tudo naturalmente igual, feito da mesma massa, de carne e osso? E quem é que raciocinando o poderia investir de cargo tão odioso?

Ninguém que tenha dois dedos de testa alhearia voluntariamente de si, para delegar noutro, o poder de se governar. Seria um crime.

Se a burguezia tem conseguido até hoje sustentar-se nessa posição, se tem sustentado com disciplina os seus exercitos, se tem conservado os trabalhadores subjugados ao seu imperio, não é senão pela deficiencia calculada da instrucção que lhes faculta ou do tempo resumido que lhes concede para a sua educação. Por isso noutro dia, no jornal o *Figaro*, de Paris, em um certamen para a definição da anarchia, um escriptor se queixava de que essa ideia era produzida pela instrucção excessiva...

Sim. Dificultae, resumi a educação litteraria ao povo, conservae-o no obscurantismo, porque só ignorancia cobrirá as iniquidades do vosso regimen.

Se a instrucção fosse abundantemente espalhada, ha muito que os oprimidos e os espoliados teriam reconhecido a justiça da causa que propagamos e saberia cumprir o seu dever estabelecendo a egualdade entre todos os homens — e ai d'aquelles que se recusassem a aceitar essa convenção sublime, porque teriam de se submeter a bem ou a mal.

O soldado é o symbolo da obediência, cega, incondicional, automatica, e com medo ás leis oppressoras e ao jugo ferreo com que é tratado, soffre os maiores vexames, recebe os mais amargos insultos, passa as mais acerbas repressões, e atura, e calla-se, e treme, e submete-se á voz retumbante de quem o commanda.

Foi assim que, num d'estes ultimos dias, se soffocou, consta, uma especie de insubordinação no quartel d'infanteria 23, por causa do pessimo rancho que era distribuido ás praças.

O official—um misero, pelo visto e á vista—encarregado do serviço de rancheiro, com a mira no egoismo de poupar alguns cobres em beneficio não sabemos de quê, fazia economias profundas no alimento dos soldados, dando-lhes uns miseros feijões a nadar em uma marmita meia de agua chilra.

Já fartos de passar privações (e quem sabe quanto tempo tomariam aquelle miseravel alimento), viram os tristes que esperar pela melhoria era tempo baldado, porque a consciencia d'aquelles que tem a barriga cheia dos melhores acepipes nun-

ca se conde dos miseraveis que matam a fome com a peor especie de comestiveis, e então resolveram negar-se a tomar o rancho.

A balburdia devia ser enorme, os receios dos officiaes ao ouvirem rosnar a canalha certamente os fez tremer, e como não tivessem outro meio mais prompto de abafar o pronunciamento trataram de, pela ameaça, fazerem entrar na ordem os sublevados, chegando mesmo a prender um corneteiro que lançou ao chão a sua ração no momento em que por elle passava um official.

Resultado de tudo: melhoria do rancho, corneteiro solto, official condemnado a não mais ser rancheiro, provando-se com isto que, quando o escravo ergue a fronte com altivez, faz curvar submissa a do senhor.

Fallae alto e desobedecei para serdes obedecidos.

Valente corneteiro que vos salientastes neste movimento tão sympathico, aprendei a tocar a unir, não para irdes massacrar o povo quando se rebella contra a oppressão, mas sim para, com os vossos camaradas, tomar as armas e cumprir o dever sacratissimo de vos libertardes, abandonando as casernas e deixando esse serviço abominavel onde vos matam á fome e onde tendes o papel odioso de esteio da putrida sociedade burgueza que vos avilla e se serve de vós como repressores da liberdade dos vossos semelhantes—fusiladores de vossos paes, de vossos irmãos, de vossos filhos.

Ajudai-nos na conquista do Bem e se-reis finalmente livres.

## Echos & Noticias

### Villa Nova de Gaya

Alguns industriaes tanoeiros, entre elles Monteiro de Lima, estão fazendo odiosos abatimentos no preço da mão de obra.

Os operarios tem-se até aqui sujeitado resignadamente, ficando reduzidos á mais extrema miseria, mas, segundo nos consta vão tomar outra attitude contra semelhante exploração.

—As companhias — Vinicola e a dos Vinhos do Alto Douro, estão explorando muitissimo os seus operarios. Estas companhias exigem que elles trabalhem durante mais horas que em outra qualquer casa. Na dos Wanzelers já ha muito que se trabalha sómente durante 8 horas.

—Tem sido despedidos de diversos armazens muitissimos operarios, na sua maior parte empregados no engarrafamento de vinhos. Calculam-se approximadamente 700 homens sem trabalho, visto que difficilmente encontrarão occupação onde exerçam a sua actividade.

O resultado será a fome se não souberem prover-se dos mantimentos que os armazens avaramente encerram.

### Sirva de exemplo

Na Westphalia ha uma villa de nome Warstein, cujos habitantes nunca pagaram um real de imposto municipal. Todas as despesas são largamente pagas com o rendimento do córte de madeiras d'uma vasta floresta pertencente á communa.

## Eliseu Reclus

Este incansavel propagandista do anarchismo publicou, diz o *Seculo*, uma carta negando a autenticidade d'um artigo falsamente assignado por elle, onde se combatia o acto praticado por Emilio Henry.

## Outra bomba

No dia 21 de maio ultimo foi encontrada na avenida Noel, predio n.º 17, 1.º andar, Paris, em frente da porta da casa do abbade Garnier, uma bomba de dynamite. Não chegou a explodir. O porteiro conseguiu apagar-lhe a mecha e trazel-a para o pateo do predio, despejando sobre ella alguns baldes d'agua.

## Os Barbaros

Intitula-se — *A Boa Nova* o primeiro opusculo d'esta publicação, que brevemente será encetada. O seguinte será talvez — *A Sociedade Futura*.

A publicação comprehenderá opusculos originaes e traduzidos e será feita em series, de modo que cada uma fórma um volume sobre assumptos identicos. O preço regulará a 10 rs. por 8 paginas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a—Augusto Fernandes—Rua dos Ferreiros (a Santa Catharina), 26, 2.º — Lisboa.

## Original retirado

Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar alguns artigos entre os quaes as traducções que principiámos em o numero passado.

## Conquista do Bem

CADA NUMERO 10 RÉIS

A cobrança será feita por series de 10 numeros, com o accrescimo do porte do correio.

Aos camaradas que possam encarregar-se da distribuição da *Conquista do Bem* em cada localidade, pedimos a fineza de se nos dirigirem, afim de evitarmos as despesas do porte do correio.

Pedimos ás pessoas a quem enviamos o jornal o favor de nol-o devolverem, caso não queiram auxiliar-nos com a sua assignatura.

A correspondencia será dirigida: Rua da Louça, n.º 80, 2.º — Coimbra.

## Bibliotheca anarchista

<i>A minha defeza</i> , de Etiévant.	30 réis
<i>A lei e a auctoridade</i> , de Kropotkine	40 réis
<i>O Salaricato</i> , de Kropotkine	30 réis
<i>A Revolta</i> , 2.ª série, 44 numeros	400 réis
Pedidos a <i>A Propaganda</i> — Travessa de Sant'Anna, 27 — Lisboa.	

EDITOR—Antonio José da Costa

Typographia e Administração  
Rua da Louça, n.º 80, 2.º



# Conquista do Bem

ANARCHISTA

## DE ATALAIA

É consolador ver que, não obstante o descredito que a intolerancia burgueza procura lançar e fazer valer sobre o anarchismo, se nota já entre nós uma tal ou qual tendencia para a sua acceitação.

Digam o que disserem da anarchia; empreguem todos os meios que a imaginação lhes suggerir, para guerreal-a; enforquem, garrotem, fuzilem, assassinem, *legalmente* os nossos camaradas, que ainda assim a Anarchia triumphará. Nada lhe poderá sustar a marcha.

Nas altas regiões, a atmospheria de corrupção que envolve tudo e todos; a depravação moral que se accentua e evidencia em cada acto dos senhores que mandam; o murmurio dos descontentes e despeitados pondo a descoberto as torpezas da administração; o credo seguido — cada qual arranja-se; o *bacillus* — anda em voga — desmoralizador, que corrompe e deprava todos os partidos politicos, são outras tantas causas que fazem duvidar muito da segurança do estado actual de coisas sociaes.

Por isso nós, anarchistas, devemos estar de atalaia e tirar todo o proveito possivel em beneficio das nossas ideias, da especie de revolução que as diferentes parcialidades da communidade burgueza parecem preparar entre si, e em que necessariamente hão de subverter-se, num periodo mais ou menos longo.

Podendo ser surpreendidos pelos acontecimentos, devemos estar precavidos, devemos empregar desde já todos os esforços para tirar d'elles a maior somma de vantagens para o desenvolvimento da ideia anarchista, fazendo conhecer ao povo que essa revolução, em que republicanos e socialistas se empenham, nunca terá como resultado a conquista da inteira liberdade humana, que, para ser proficua e dar resultados que aproveitem aos escravos de hoje terá de obedecer ao plano preconizado por Kropotkine, Reclus e outros propagandistas scientes e conscientes de anarchismo.

A perfeita liberdade, a completa emancipação do homem, é incompativel com os principios pré-gados pelos sectarics da republica ou do socialismo; se a elles obedecer a futura revolução, o povo não terá conquistado a Liberdade, sómente mudará de systema, continuando sujeito a identica auctoridade, e por consequencia a todas as perseguições e humilhações em que a manterá o novo Estado — republicano ou socialista — burguez nos seus fundamentos.

A perfeita e completa Liberdade não será possivel senão numa sociedade anarchista. A palavra — Anarchia synthetisa a negação mais completa de todos os dogmas em que se fundam as sociedades na actualidade, é a negação de tudo quanto

seja contrario á Natureza, a Sciencia, á Justiça. É por consequencia — a Liberdade na sua acepção mais lata.

Por ventura poderá um povo encontrar na sociedade republicana ou socialista a sua completa autonomia? Não, porque, para suffocal-a, lá estará prompta a lei e a auctoridade.

Conclamam sabios burguezes que não pode haver sociedade sem leis, sem auctoridades. Puro engano. «Outr'ora — diz Kropotkine — a humanidade viveu seculos e seculos sem ter lei escripta, ou simplesmente gravada em symbolos ás portas dos templos. N'essa epoca as relações entre os homens eram reguladas por simples habitos, costumes, usos, que a constante repetição tornava veneraveis, e que cada um adquiria desde a infancia, como aprendia a adquirir alimentos pela caça, pela criação de gados e pela agricultura».

Não devemos esquecer que a nossa escravidão provém da lei e da auctoridade e que por isso se torna mais e mais necessaria — para conquistar o bem geral — a Revolução Social, a Revolução Anarchista, porque ella conduzirá a humanidade a uma situação harmonica, em que os individuos viverão livres e independentes — sem luta, sem auctoridade, sem barreiras, com uma só patria e na melhor intelligencia.

A bem da propaganda e do nosso ideal, preparemo-nos, ponhamo-nos de atalaia e não desanimemos porque o futuro nos pertence.

Attendamos a que a burguezia dividida em parcialidades, cada qual alvitando o seu systema, se depaupera e enfraquece. Sigamol-a na crise porque passa e tiremos d'ella os frutos que podemos e devemos colher.

## ASSASSINOS!

No primeiro numero d'este jornal referimo-nos a uma local publicada por um periodico d'esta cidade, queixando-se e pedindo repressões para a mendicidade.

Clama-se nella contra a pobreza, e os meios que se apontam para a debellar é pedir providencias á policia.

Fartos de saber que a policia só reprime, mas não remedeia, não dizem quaes as verdadeiras causas da indigencia, nem o modo de evital-a.

E no entanto, o que seria razoavel, senhores *defensores* da burguezia, era demonstrar que a pobreza é o resultado da pessima e iniqua organização d'esta sociedade, onde só é considerado com direito á vida quem tem dinheiro.

Aconselhar a prisão para os que deram, enquanto puderam trabalhar, o mais precioso do seu sangue em proveito das burras dos que os exploraram, sómente porque depois de velhos e inutilizados pelas constantes fadigas, já não podem

servir como machinas de exploração, é simplesmente indigno. Por isso nós aconselhamos, aos que teem fome, que em vez de andarem de porta em porta a vecharem-se, a esmolar de quem só os insulta ou lhes dá com a «paciencia», e os manda para a cadeia, se apoderem do que necessitam e a que teem incontestavel direito. Exploram-os durante o periodo em que trabalham, não os sustentam quando seccos e peccos, sem succo algum para as sanguessugas burguezas chuparem, e por isso é justo que quem lhes comeu a carne, lhes roa o osso — lancem, pois, mão do alimento onde o encontrem, já que lh'o negam, á mão armada inclusivamente, porque se não estiverem prevenidos com meios de defeza contra os que lhe negam o unico recurso dos famintos, acontecer-lhes-á o que agora succedeu a um pobre velho, do logar do Sobral, que, cheio de fome, colhia numa terra algumas favas para satisfazer as necessidades do seu sustento, quem sabe ha quanto tempo contidas. O proprietario ou um seu servo, vendo o desgraçado a violar a sua herdade, sem querer saber se elle teria ou não o estomago vazio, num requinte de malvadez inqualificavel, atira-se lhe rancoroso e prostra-o para não mais se levantar.

É isto: — se os pobres teem necessidades, para manter a sua existencia, e pedem, recommendam-os á policia para os metter numa prisão; se se apossam d'aquillo que a natureza cria para todos e de que não podem prescindir, matam-os!

E fallam-nos de caridade, phylantropia, bondade burguezas, sem attenderem a que tudo isso é poeira lançada aos olhos dos que a não sopram para ver melhor.

A caridade existe ha muitos seculos e, com tão longa existencia, ainda não conseguiu acabar com a miseria que cada vez se alastra mais espantosa e medonhamente.

O burguez é mais partidario de Malthus, que não reconhece aos pobres logar no banquete da vida, do que mantenedor da aliaz falsa caridade aconselhada pela religião.

Aquelle homem morreu victima do egoismo burguez. Não é, então, sómente responsavel por este assassinio o miseravel que lhe tirou a vida, mas sim toda essa sociedade que tem por base da sua constituição a posse privada d'aquillo que deve ser de todos.

Os responsaveis tambem sois vós, oh trabalhadores eternos, que nunca conseguis a garantia do vosso futuro, pela inercia cobarde em que vos conservaes á vista de todas estas atrocidades.

A razão está do vosso lado — não haveis de morrer de fome quando a terra produz em demasia o necessario para alimentar toda a humanidade.

Revoltae-vos, fazei guerra aos assassinos que assim vos pagam todas as fadigas, todos os sacrificios que fazeis em seu proveito.

## SENTENÇA CONDEMNATORIA

Os pretendidos chefes da revolução siciliana foram finalmente julgados pelo conselho de guerra de Palermo, que proferiu a seguinte sentença:

Giuseppe de Felice Giuffrida, de 34 annos, deputado socialista, 16 annos de prisão por excitar o povo á guerra civil, e mais seis annos de detenção por conspiração, perda do logar de deputado, interdicção perpetua para exercer qualquer cargo publico e dois annos de vigilancia policial.

Petrina Nicoló, de 30 annos, publicista, tres annos de detenção interdicção perpetua para o exercicio de cargos publicos, e dois annos de vigilancia.

Benzi Caetano, de 45 annos, dois annos de detenção, e a mesma interdicção e dois annos de vigilancia.

Verro Bernardino, de 27 annos, proprietario, doze annos de prisão, a mesma interdicção e dois annos de vigilancia.

Montalto Giacomo, de 30 annos, advogado, dez annos de prisão, igual interdicção e dois annos de vigilancia.

Pico Antonio, de 22 annos, estudante, cinco annos de reclusão, a mesma interdicção e um anno de vigilancia.

Semelhante monstruosidade produziu os seus naturaes effectos. Protestos geraes, manifestações de indignação unanime, traduzidas até em apupos aos membros do conselho, ás autoridades e mesmo ao proprio Crispi, presidente do ministerio italiano, ás ordens de quem o conselho de guerra procedeu.

Assim se manifestou a opinião ao conhecer a sentença condemnatoria inspirada por essa entidade odiosa, no infamissimo empenho de inutilisar homens que julgou perigosos para as suas immundidades, porque pregavam a insurgencia contra as imposições do seu autoritarismo escravizador. Não foi outro o sentimento que o animou á iniquidade que acaba de inspirar.

Se bem que o ideal porque trabalhamos seja diverso, nos seus fins, do que deu margem ao acontecimento de que tratamos, nem por isso a sentença de Palermo se nos torna menos odiosa; tanto mais que a exclusiva intenção de inutilisar esses homens, arbitrariamente condemnados, sem provas concludentes da accusação de que os fizeram alvo, é patenteada pelo seguinte caso:

No começo do processo, o governo de Crispi indicava ao funcionario encarregado de promover a accusação, a forma por que devia proceder. Esse funcionario, porém, manifestou o seu desagrado por tal motivo, e como por fim se não mostrasse desposto a collaborar na obra de persiguição encetada, negando se a proceder facciosamente, foi mandado substituir por um agente de inteira confiança de Crispi.

Por si só, este facto evidencia a personalidade de Crispi e a moralidade do seu governo, ao mesmo tempo que justifica as manifestações de indignação pela sentença e de sympathia pelos condemnados, que o povo italiano vai fazendo, pensando já em reeleger, nas proximas eleições administrativas, o deputado socialista De Felice e em propôr os demais condemnados por diferentes circulos, embora as autoridades invalidam os votos que lhes forem dados.

Do valor d'ellas é facil ajuisar sabendo-se que sómente o militarismo, escravo da disciplina, defende o governo e o conselho de guerra. Por quasi todas as ruas das povoações sicilianas estacionam forças militares, de armas carregadas, para abafar as manifestações.

Este e outros rigorismos hão provocado represalias, dando-se escaramuças e effectuando-se prisões, mas o movimento de revolta que a sentença mais veio exacerbar, estende-se a toda a Italia, e o socialista Andrea Costa declarou numa reunião effectuada em Bolonha que provocará a agitação legal até tornar inevitavel a amnistia dos condemnados. Nesta mesma cidade foi lançada sobre um grupo de policias uma bomba de dynamite, que não chegou a explodir.

Supponhamos que este seria o melhor argumento que os revolucionarios italianos deveriam oppôr á obra de Crispi, tendo o cuidado de alcançal o.

Opponham a dynamite ás bayonetas. — Seja assim, visto que assim o quer Crispi e o seu governo — *olho por olho, dente por dente.*

O parlamento? Ah, não me falem n'isso. É uma machina singular: mette-se um burro, sai um deputado; faz-se o deputado ministro, torna a sair burro...

*Fialho.*

## PURAS PALAVRAS

(Conclusão)

Chegar-se-ha, sem duvida, a comprehender mais rapidamente que os anarchistas teem razão quando dizem que para se alcançar a tranquillidade moral e physica, devem destruir se as causas que criam os crimes e os criminosos: não é matando os que, dotados d'um caracter energico, preferem apoderar-se violentamente do preciso para viverem, a uma morte lenta, consequencia das continuas privações que soffrem e continuarão a soffrer. O castigo que lhe dão, matando-o, é para elle um allivio.

Eis porque commetti os actos de que me censuram, e que são a consequencia logica do estado barbaro d'uma sociedade de que só sabe augmentar o numero de victimas da lei, lei que se revolta contra os effectos sem nunca castigar as causas. Dizem que é preciso ser-se cruel para matar um seu semelhante; mas não veem que os que assim procedem só o fazem para evitar a morte de si mesmos.

Assim, vós, senhores jurados, ides sem duvida condemnar-me á morte porque credes ser uma necessidade a minha desappareição e tendes horror de ver correr sangue humano, mas logo que julgaes a minha morte util para assegurardes a vossa existencia, não hesiteis mais do que eu em fazel-o correr, com uma enorme differença: vós fazei-o sem perigo algum, eu faço-o com risco e perigo da minha liberdade e da minha vida.

Não ha criminosos a julgar, mas causas do crime a destruir. Os legisladores, fazendo os codigos, não viram que não atacavam as causas, mas simplesmente os effectos e que d'esta maneira não evitariam o crime; com effecto existindo as causas, sempre os effectos se lhe seguirão.

Haverá sempre criminosos, mataes hoje um amanhã apparecerão dez. Que fazer então? destruir a miseria, esse germen do crime, assegurando a todos a satisfação das suas necessidades! Quanto isso seria facil de fazer! Bastaria pôr a sociedade sobre bases novas, onde tudo fosse commum, e em que, produzindo cada um segundo as suas aptidões e as suas forças, podésse consumir segundo as suas necessidades.

Então não se verá mais gente como o ermita de Notre Dame de Grace e outros, mendigar um metal de que elles se tornam escravos e victimas! Não se verão mulheres vender amor como uma mercadoria vulgar, por esse mesmo metal que nos impede, a maior parte das vezes, de reconhecermos se uma afeição é verdadeiramente sincera. Não veremos mais homens como Pranzini, Prado, Berland, Anortoy e outros que sempre por metal chegam a ser assassinos! Isso demonstra claramente que a causa de todos os crimes é sempre a mesma e que é preciso ser muito insensato para a não ver.

Sim, repito o: é a sociedade que cria os criminosos, e vós, jurados, em vez de os castigardes, deveis gastar a vossa intelligencia e as vossas forças em transformar a sociedade. D'um golpe supprimeis todos os crimes: e a vossa obra atacando as causas seria maior e mais fecunda do que a vossa justiça que se contenta de punir os effectos.

Não sou mais de que um operario sem instrucção; mas, por ter vivido a existencia dos miseraveis, sinto melhor do que um rico burguez a iniquidade das vossas leis repressivas.

D'onde vos vem o direito de matar ou encarcerar um homem que se encontrou no mundo com a necessidade de viver e se viu forçado a apoderar-se do que lhe era indispensavel para matar a fome?

Trabalhei para viver e para fazer viver os meus e no entanto, nem eu nem os meus, deixavamos de soffrer mais do que é possivel soffrer-se: eis ao que chamais ser honrado. Depois faltou me o trabalho e com esta falta veio a fome. Foi então que esta grande lei da natureza, essa voz imperiosa que não admite replica: o instincto da conservação, me levou a commetter os crimes e delictos de que me accusam e de que eu me confesso autor.

Julgae-me, senhores jurados, mas se me comprehendestes, julgando-me julgareis todos os desgraçados de que a miseria, misturada com um pouco d'orgulho natural, fez criminosos, e de que a riqueza, mesmo um bem estar, teria feito pessoas honradas!

Uma sociedade intelligente faria d'elles homens como os outros.

*Ravachol.*

Emquanto houver coisas que não devem existir, situações injustificaveis, instituições nascidas da injustiça, barreiras e cadeias para assegurar a escravidão, é preciso reconhecer, em face de todos estes abusos, a existencia d'um direito imprescriptivel de protesto e insurreição, porque não se pôde ter por sagrado e inviolavel o que a humanidade, no seu conjuncto ou em grande parte dos seus membros, soffre com horror e indignação.

*Ziegler.*

Uma constituição é um perigo não é uma garantia.

*Girardin.*

## CORRESPONDENCIA

Companheiros da *Conquista do Bem*:  
Recebi o numero primeiro do vosso periodico, o qual me agrada bastante já pela sua fórma doutrinal como pelo seu character revolucionario.

Como elogio sómente vos direi: —  
Ávante e pelear!

Agrada-me immenso ver como lutas pela propaganda da lusitana nação e, tanto é assim que desejava estar ao vosso lado para fazer com que os meus poucos conhecimentos fossem mais prestaveis á causa que defendemos — á Anarchia.

Pouco vos direi nesta primeira carta, porquanto, de actualidade ha sómente o que transmiti á *Propaganda*, de Lisboa. Pelos numeros que tenho recebido d'este apreciado collega vejo que ahí estão muito ao facto das questões que occorrem nesta africana Hespanha, posto que, a propósito do assassinato dos seis martyres de Barcelona, a *Propaganda* tenha dito sómente o que lhe communiquei em carta.

Por esta razão é muito difficil o trabalho de correspondente.

Rectificando a minha primeira carta dirigida á *Propaganda*, declaro que nos numeros seguintes servirei mais de collaborador do que de correspondente, porque vejo que em assumptos de Hespanha, estão em tempo devidamente inteirados.

É de mais dizer — porque todo o mundo o sabe — como foram fusilados os seis companheiros José Codina Junca, José Bernard Siderol, Manuei Archs Solanellas, Mariano Cerezueta Subias, Jayme Sogas Martin e N. Sabat Olle, no dia 21 do mez passado, na cidade de Barcelona.

Já o disse na *Propaganda* — mataram os nossos companheiros por serem anarchistas destemidos. Escusado será repetir como o tenho feito já milhares de vezes — que havemos de os vingar, assim como a todos os demais.

No dia 24 foram presos uma infinidade de companheiros sem que se saiba o motivo, sendo conduzidos a bordo do vapor *Navarra*, apesar da lei o prohibir. Mas como se trata de anarchistas não se respeitam leis nem coisa alguma. Tudo é licito.

A circumstancia de ter sido guilhoinado Emilio Henry, em Paris, no mesmo dia e á mesma hora que foram fuzilados os de Barcelona, faz crer que a união internacional dos governos contra o anarchismo é um caso de que não nos devemos importar, porque só conseguirão, accelear o triumpho de nossos ideaes.

Em Zaragoza, hão intentado fazer reaparecer *El Rebelde*, mas os impressores tem se negado a imprimil-o, se gundo me communicam os companheiros da capital de Aragon. Tambem me dizem ter sido posto em liberdade, mediante a fiança de 900 pezetas, o companheiro que fazia de director.

Não sou mais extenso por ter de escrever muito, pois que, ao receber da féria me disseram que procurasse trabalho para a semana. Sem trabalho e com a companheira de cama ha perto de sete mezes, comprehendereis de certo em que circumstancias me encontro.

La a fechar esta carta, quando recebi uma outra de Italia em que me dizem:

«Não sei se saberás que em Carrara 4:000 companheiros armados se revolucionaram na noite de 13 de janeiro, mas

por uma má interpretação de signal abor-tou antes do tempo. Tiveram um encontro com os soldados, e os anarchistas que intentavam apoderar-se do quartel militar, tiveram 20 mortos por 190 feridos, e dos soldados nenhum morreu porque se occultavam no quartel e atiravam pelas janellas contra seus irmãos.

«Agora ha mais de 2:000 presos, a maior parte com familia, e tem sido condemnados de 3 a 10 annos e a muitos mais de 12 a 30.

«Como vês, é preferivel ser fuzilado!

«Na Secilia o mesmo que em todas as partes do mundo; são arrastados e levados presos nossos companheiros anarchistas, augmentando dia a dia mais, um medo indescriptivel nos burguezes, fazendo um singular contraste com a nossa coragem — cada vez com mais força gritamos:

«Viva a Anarchia!

«No dia 1º de maio fui preso com sete companheiros mais e todos conduzidos ao quartel da guarda civil, á presença do delegado, onde nos foi dada a liberdade ás 4 horas da tarde, sem ainda termos almoçado!»

Como vêdes, em todas as partes do universo succedem as mesmas arbitrariedades e injustiças contra os anarchistas. Em todas as partes o cinismo burguez chega ao *summit*, mas, como resposta se sustem valentes e energicos, e da firmeza de ambos os lados resultara um choque final que acabará com tanto oprobrio e escarneo, estabelecendo sobre bases novas, a Verdade, a Justiça, a Liberdade — a Anarchia.

Vosso e da mesma,

Hespanha, junho de 94.

*El corresponsal.*

Necessito viver e a sociedade nega-me este direito; pois bem, organisemos uma nova sociedade. As antigas sociedades começaram pela violencia; as primeiras tribus humanas eram associações armadas. Criemos um novo mundo, começando novamente a historia; a nossa sociedade de bandidos será muito mais justa que esta velha e despotica sociedade, em que os mais nobres corações estão de antemão condemnados á morte.

*Schiller.*

## Contra os pedintes...

Agora é o *Commercio de Coimbra* quem põe em relevo o facto *assaz ve gonhoso*, de andarem creanças a *importunar os transeuntes, mendigando, de porta em porta, a altas horas da noite*. E tem muita razão o illustre *Commercio* pedindo castigo para os que, avisados pela primeira vez, reincidem.

Pois é lá coisa que se tolere? Comprehende alguém que possa dar-se um tão *vergonhoso escandalo na terceira cidade do reino!*

Somos do mesmo parecer, indignado senhor; e tanto somos que não aconselhamos os famintos a que se vexem estendendo a mão a caridade publica, nem a que mandem os filhos importunar os transeuntes com as suas supplicas; antes intendemos que deviam haver violentamente, onde o haja, o que precisam para viver, sejam quaes forem as consequencias que advenham.

Apoderando-se violentamente do que carecem, succede que os mettem na cadeia; reincidindo em pedir quer o do *Commercio* que os castiguem e ainda que os prendam nos azylos; — d'um modo ou d'outro privam-os da liberdade. Por que optar, então?

Veja o illustre indignado que estão esgotados todos os recursos, perdidas todas as esperanças de *melhor expediente*.

O trabalho, para os que ainda possam alugar os braços ao egoismo capitalista, não abunda, e o que ha é miseravelmente pago; d'aqui resulta que os trabalhadores vêem a fome, a miseria entrar-lhes em casa: — pedem por isso, e o *Commercio* indigna-se. Tambem nós, que desejava-mos vel-os mais avaros dos seus direitos á vida.

E o remedio — azylos — apontado pe'o illustre indignado, já não colhe.

Não é facil metter os filhos no azylo da infancia, porque abarrota de creanças, está cheio; o mesmo succede com o chamado da mendicidade. Tal qual como acontece nos hospitaes, onde a doente vai uma, duas, tres, dez vezes na esperança de entrar, e d'onde volta descorçoado depois de lhe terem dito: — *Ainda não ha cama.* — e nos azylos — *Ainda não ha vaga.*

E emquanto esperam pela cama ou pela vaga, que morram, os tristes, á mingua de recursos, que isso pouco vale desde que não *importunem os transeuntes da terceira cidade do reino*, e não provoquem a indignação d'estes camaleões da imprensa burgueza.

Depois, attenda o conspicuo alvitreiro, não será um acto de deshumanidade, uma violencia repugnante dividir uma familia pelos diferentes azylos, sómente porque lhe falta o pão que ali em casa do visinho ha em demasiada abundancia, privando assim pae, mãe e filhos dos cuidados e carinhos que mutuamente se prestariam, vivendo juntos, como os ricos?

Se ha ahí tantos celeiros cheios, tantos armazens repletos de viveres, a apodrecerem...

Não se expropria um predio ou abre uma rua em nome da utilidade publica? Porque não hão de juntar-se os famintos para abrirem esses celleiros e esses armazens em nome das necessidades que os atormentam?

Seria uma utilidade publica, porque e cusariam de importunar os transeuntes, e ainda de provocar as iras do illustre camaleão do *Commercio*...

Mas, reparamos agora:

Elle, alvitrando que devem ser castigados os que reincidam pedindo, quiz, sem duvida, belliscar o sr. Martins de Carvalho!

Sim, porque este senhor pede constantemente, pede sempre, não de porta em porta, mas do pinaculo do seu *Conimbricense*, para exercer a caridade á custa da bolsa alheia, apanhar as bençãos dos contemplados e crear fóros de alma caridosa.

Não ha que ver, o camaleão do *Commercio* quiz belliscar o do *Conimbricense*; inveja, é claro, que aquelle tem do terreno que este ganha na conquista de bon nome, graças á *massa* dos seus leitores.

Tivéssemos reparado mais cedo, e não gastaríamos o nosso tempo com o *coisa*.

E que tal nos saiu o do *Commercio!*...

CARTA

Camaradas da *Conquista do Bem*:

Felicito-vos pela energia de que sois dotados. Nunca julguei que vós, numa terra tão pequena podesseis contribuir para a propagação de ideias tão boas e sacrosantas. Emfim, a boa vontade produz muito em pouco tempo.

A burguezia grita em todo o universo contra os anarchistas e pede aos seus governos para nos exterminar. Porquê? Por querermos a liberdade, a divisão da propriedade, a igualdade, etc.

Conclamam que nós somos assassinos e ladrões e por isso desejam ver nos na guilhotina ou num presidio para sermos envenenados como o foi Barrás e outros propagandistas do crêdo anarchista. Mas... não importa. A nossa hora chegará; vingaremos os nossos martyres.

\*

Certos jornaes da capital dizem que o anarchismo é uma loucura e que para o exterminar devem os governos usar de todas as repressões—da cadeia, da bayoneta, do canhão, da espingarda moderna, das patas da municipal, e de quanto estiver ao seu alcance—não se lembrando que a força está do nosso lado, que nós temos a dynamite, a nitro-glycerina, o punhal envenenado, e, sobre tudo, uma fé inquebrantavel na justiça da nossa causa e uma coragem nunca assaz desmentida na realisação do nosso ideal!

Sim!—fé e coragem, camaradas, que o futuro será nosso!

Vós, burguezia infame, não possuís nada d'isto. O que vós possuís é cobardia! Com a impunidade que vos garante o dinheiro, pretendeis diffamar-nos? O que importa, se a luz revolucionaria se vae espalhando por todo o universo? Temos a certeza que havemos de educar os ignorantes que tu, canalha, compras para nos massacrar e assassinar.

Camaradas: —Façamos a propaganda pela palavra, pela imprensa, emquanto não chega a occasião de a fazermos pelo facto. Tenho a certeza de que não pôde vir longe o dia em que a burguezia se atemorizará.

Emquanto a terra não fôr de todos, e emquanto não deixar de haver autoridades e barreiras, haverá sempre escravidão.

É preciso reagirmos!

Se vós, seus burguezes, julgaes que, cortando meia duzia de cabeças dos nossos camaradas, a ideia desaparecerá, enganae-vos por completo. A semente foi lançada á terra; nada obstará a que ella produza. Por cada cabeça que degolaes, são mil burguezes que tendem a desaparecer.

Companheiros de Coimbra: vou terminar levantando um brado de

Gloria aos Martyres da anarchia!

Viva a Revolução Social!

Viva a anarchia!

Vosso e da Revolução

Lisboa, 6-94.

F. Soares.

Quizera que me indicassem na historia uma monarchia que não tenha sido fundada por um ladrão.

Nobier.

Echos & Noticias

Pelo Algarve

*Faro*—N'esta localidade a crise entre os soldados é terrivel. Calculam-se, actualmente sem trabalho, 150 operarios. Ha cerca de nove mezes que muitos não teem onde empregar a sua actividade. Os operarios estão reduzidos á mais extrema miseria.

—Numa fabrica de cortiça, onde está um sr. Frederico, os operarios são maltratados, dirigindo-lhes aquelle sr. os epithetos mais offensivos.

O patrão da fabrica foi aconselhado a affixar um edital dizendo que todo o operario que faltasse mais do que o quarto da manhã de qualquer segunda feira, tinha de multa perder a semana toda. Alguns operarios já teem sido victimas de mais esta prepotencia burgueza. Tudo lhe parece pouco para os explorar...

*Messines* — Não é só em Faro que os operarios estão soffrendo as maiores prepotencias dos burguezes. Tambem aqui. Um operario trabalhava na rolharia de Joaquim Thomé e foi por este despedido; mas como devia ao patrão a quantia de 385 rs., este negou se a entregar-lhe a ferramenta. Foi preciso que seus os companheiros abrissem uma subscrição para pagar a divida.

Se elle ainda não estava satisfeito de o explorar durante seis mezes...

Archivo Social

Sahiu o n.º 15 d'esta revista de Sociologia e Litteratura, que se publica em Habana (Cuba).

Insere, além d'outros trabalhos, *Juana y Dolores*, novela inedita d'um distincto litterato ingiez.

Recommendamos esta publicação aos camaradas que conhecem o hespanhol.

A correspondencia deve ser dirigida aos editores do *Archivo Social*—Manrique, 154—Habana (Cuba).

Na America

Na Indiana e no Ohio os mineiros grévistas incendeiam as estações dos caminhos de ferro, fazem descarrilar os comboios, e destroem as linhas.

—Deram se novos tumultos em Connelton e Connelsburgo (Indiana), entre os grévistas.

—Em Cripple Creck (Colorado) os grévistas manteem-se na especie de entrenchamento que levantaram em Bull Hill. As mulheres e as creanças refugiaram se em logares seguros porque se espera o ataque das tropas aos grévistas, que teem em seu poder uns cincoenta refens e entre elles Wood, presidente de uma das maiores companhias huilheiras. Estão tambem de posse de uma peça d'artilheria, 400 carabinas, 800 revolvers e munições.

Varias companhias de caminhos de ferro não teem outro combustivel a não ser madeira. Muitas industrias começam a ficar paralisadas.

—Os grévistas que se apoderaram, em Mackeesport (Pensylvania), das minas, expulsaram d'ali o governador e a policia e espancaram os operarios não sindicados. Estão armados de espingardas e de tres canhões que metteram em bateria em frente da via ferrea pela qual deve chegar o comboio que traz a policia.

El Corsario

Os nossos camaradas da Corunha pensam em tornar a publicar este jornal, que interrompeu, ha cerca de seis mezes, a sua publicação. Para isso abriam uma subscrição voluntaria na casa da redacção, calle Ooisan, 110—3.º piso.

Julgamento

Os jornaes dizem que ainda este mez se effectuará o julgamento da causa instaurada contra Santiago Salvador Franch, José Prata Trilo e Antonio Alfaro Ginéz, compromettidos no attentado do theatro Lyceo, de Barcelona.

Dizem mais que o delegado pede a pena de morte para Salvador e forte castigo para os restantes.

Pelo visto a burguezia quer mais... sangue.

... Talvez o tenha.

La Alarma

Este nosso collega que se publicava em Habana, acaba de reaparecer.

Enviamos-lhe as mais vivas e sinceras saudações.

Conquista do Bem

CADA NUMERO 10 RÉIS

A cobrança será feita por series de 10 numeros, com o acrescimo do porte do correio.

Rogamos aos nossos camaradas a fineza de nos enviarem quaesquer informações ou escriptos, o mais tardar, até quinta feira de cada semana.

Esperamos o auxilio pecuniario de todos os que se interessarem pela propagação da ideia anarchista.

Aos camaradas que possam encarregar-se da distribuição da *Conquista do Bem* em cada localidade, pedimos a fineza de se nos dirigirem, afim de evitarmos as despezas do porte do correio.

Pedimos ás pessoas a quem enviamos o jornal o favor de nol-o devolverem, caso não queiram auxiliar-nos com a sua assignatura.

A correspondencia será dirigida: Rua da Louça, n.º 80, 2.º—Coimbra.

Bibliotheca anarchista

A *minha defeza*, de Eliévant. 30 réis  
A *lei e a auctoridade*, de Kropotkine ..... 40 réis  
O *Salariato*, de Kropotkine . 30 réis  
A *Revolta*, 2.ª série, 44 numeros ..... 400 réis

Pedidos a *A Propaganda* — Travessa de Sant'Anna, 27 — Lisboa.

*Consideraciones sobre el hecho y muerte de Pallás*. Preço—Cada um segundo sua vontade. O producto é para a familia de Pallás.

Pedidos á *Conquista do Bem*.

EDITOR—Antonio José da Costa

Typographia e Administração  
Rua da Louça, n.º 80, 2.º

# Conquista do Bem

ANARCHISTA

## CARNOT

Estava convencido o supremo representante da lei que havia cumprido um dever sagrado em dar uma satisfação de vingança à burguezia que representava, mandando a guilhotina os homens mais extraordinariamente corajosos e que se revolucionaram em prol de uma ideia fundada nas mais racionais reformas sociais, proclamadas pela sciencia, que se occupa do bem da humanidade, e assistindo indifferente aos castigos mais severos que se applicavam para reprimir até as mais inoffensíveis manifestações anarchistas.

A cada assassinato que a lei praticava a burguezia julgava se descançada e livre de novos sobresaltos, batia palmas de contente, apoiava as condemnações e cobria de gloria aquelles que para lhe serem agradaveis como seus legitimos representantes e defensores, mandavam executar os que, revolucionando-se, só faziam sacrificios inexplicaveis afim de ajudar a implantar o systema unico da felicidade e liberdade humanas, heroes renegados e desilludidos dos beneficios que a burguezia offerece aos que trabalham e aos miseraveis que teem fome.

Ravachol, se matou o ermita de Notre Dame de Grace foi para com o dinheiro que esse intruso extorquia aos fanaticos sustentar muita existencia prestes a succumbir à fome, foi para enchugar muita lagrima de desgraçados que não anteviam linitivo para seus males, foi para soccorrer muita miseria que só tinha por alimento o esterco das ruas.

E ainda assim só recorreu a esse expediente depois que viu perdida a esperanza de o velho avarento attender aos seus rogos, preferindo guardar avara mente a bella fortuna que conseguira accumular, a melhorar com ella a sorte dos famintos que agonisavam sem ter pão. Todos os outros commettimentos que praticou, tiveram causa identica — guerra aberta com esta sociedade que só reconhece direito aos gosos da vida aos argentarios que vivem, como parasitas, do sangue do povo.

O feito de Vaillant, lançando a bomba na camara dos deputados, facto que muitissimos burguezes applaudiram, teve uma alta significação — condemnar o papel que esses palradores desempenham, papel por demais odioso ao povo, que se vê obrigado pela força a sustentá-los e a obedecer-lhes, porque se dizem seus representantes, quando é certo que são para alli mandados por meia duzia de influentes politicos a quem convém a sustentação do actual estado de coisas.

Se Henry praticou os actos de que briosamente tomou a responsabilidade, foi isso causado pelos rancores legitimos que as condemnações dos seus camaradas

lhe causaram. E se lançou a bomba no café Terminus, sem querer reparar em quem lá estava, foi porque os executores da lei lhe ensiuaram a não reconhecer os que merecem castigo — prendendo e castigando todos os anarchistas em massa, por causa d'um acto praticado por um só homem.

Finalmente, todos os nossos camaradas que teem sido perseguidos e condemnados são martyrisados por difundir as suas ideias que adquiriram com o uso da liberdade de pensar — liberdade a que lei alguma pôde pôr peias.

E Carnot — legitimo representante da justiça burgueza, trave mestra d'um edificio social que impõe a escravidão — sempre prompto a sancionar com o seu nome a infamia do assassinato legal d'aquelles homens, e a approvar todas as violencias praticadas para cortar o vôo aos ideias, dos que sómente pretendem acabar com o predomínio d'essa raça de exploradores que vivem na posse de todas as riquezas e de todas as regalias à custa da miseria dos que trabalham.

E nunca o presidente da republica franceza reconheceu as acerbas maguas easmisérias horriveis a que votava as familias dos que assim eram martyrisados à sua ordem. Nunca se condeou ante as lagrimas de mãe ou de esposa; nunca aquelle coração verteu uma lagrima por tanto infortunio.

A sustentação da sociedade exigia-lhe rigor, e elle procedia sem querer saber da justiça da causa que os condemnados defendiam. A penna não lhe tremia na mão ao assignar a morte de um homem. — Julgava-se invulneravel do alto da sua gerarchia social. Contava que ninguém o poderia castigar.

A autoridade e a lei não querem reconhecer as causas do desespero dos miseraveis que enchameiam o mundo, apenas se preocupam com condemnar-lhes os effeitos.

Por tudo isto Giovanni Santo, um italiano, vingou, apunhalando esse homem, os assassinatos dos seus irmãos.

É uma prova eloquentissima de que os anarchistas não reconhecem patrias nem nações; quando um camarada é offendido pela lei de um dado paiz, de todo o mundo se levantam punhos ameaçadores para o vingar.

As leis repressivas e perseguidoras que os governos de toda a parte, de mutuo accordo, teem posto em pratica, respondem os anarchistas com a união universal de todas as suas forças.

A cobardia com que teem sido guilhotinados, enforcados, fusilados os nossos irmãos, oppõe-se o heroismo, a abnegação sem igual dos que tudo sacrificam para conseguir a realisação do seu ideal.

Veja-o a lei e poderá seguramente julgar dos fructos futuros dos seus actos de sanguinaria repressão.

## A FAMILIA

III

(Conclusão)

Deixamos sofficientemente provado que a familia na sociedade burgueza se constitue geralmente d'uma maneira aviltante para a dignidade dos esposos, quer seja a mulher que se venda para cumprir ambições e deleitar vaidades, quer seja o homem que a compre para lhe gozar o corpo.

Temos, pois, assente em demonstrações clarissimas, que o casamento não passa d'uma operação commercial em que os contratantes se exploram um ao outro, como dois negociantes associados que em publico se mostram muito amigos, zelando-se desconfiados em particular. E tanto assim é, que os proprios legisladores, não podendo comprehendê-lo d'outra maneira, ao fazerem o codigo civil chamaram ao casamento — sociedade conjugal.

Podem objectar-nos que o casamento nem sempre tem por fim o interesse, que nem por isso destruirão os argumentos anarchistas a favor da união livre.

Entre a gente pobre, escravizada pelo trabalho, são vulgares as uniões amorosas, que as condições da vida atribulada e miseravel, tornam em pouco tempo aborrecidas e desesperantes. Mas queria mos que por cada mil casamentos entre burguezes ricos, nos apontassem um só realiado por amor! Seria difficil. No entanto, mesmo quando quizessem contradizer a verdade dos factos que evidenciamos e que são do conhecimento de todos os que, por hypocrisia e connivente solidariedade fingem despercebel-os, mesmo quando nos podessem demonstrar com seguros argumentos que a maioria dos casamentos se faz por amor, nada provariam em defeza da lei que violenta duas pessoas a ligarem-se por toda a vida.

O anarchista quer livre o coração e a intelligencia humanas. Que cada um se dedique ou aborreaça, confie ou descreia, mas que nada se opponha à sua vontade, coagindo-o a acceitar o que detesta, forçando-o a acariciar quem lhe repugna. O coração não obedece a imposições. Se hoje ama, amanhã pode odiar, pois faciimente se illude, tomando por afinidade de sentimentos, o que não passa d'uma exaltação dos sentidos.

Quantas vezes só de se verem, homem e mulher, julgam amar se, e afinal apenas se desejam. Saciado o desejo, extingue-se a paixão. À ternura succede-se o aborrecimento.

Haverá hypocrisia mais vil, crueldade mais ignominiosa que a da lei, obrigando duas pessoas que instinctivamente se repellem a permanecer em contacto por toda a vida?

Dois amigos reuniram-se num convi-

vio intimo. Tinham genios differentes, caracteres oppostos e um dia desavieiram-se. Como são livres na sua vontade, não precisam de recorrer a ninguem para que os separe. Põem termo ás suas relações, indo cada um procurar uma nova amisade.

Mulher e homem juntam-se pelo casamento. Não se dão bem, vivem em continua dissensão. Elles bem sentem a vontade de se abandonarem, mas como a lei restringe os motivos de separação, se os não encontram de parte a parte, sujeitam se, conformam se.

São motivos de separação, segundo o código, sevicias, injurias graves e adultério, com ou sem escandalo por parte da esposa, e sómente com escandalo por parte do marido.

Mas a verdade incontestavel, desdobrada aos olhos de todo o mundo por factos innumerados, é que nem só aquelles motivos determinam o mal estar dos conjugues em frente um do outro.

Quantas vezes as condições de vida, a dinimilbança dos caracteres e a opposição dos desejos provocam as desharmonias matrimoniaes, sem que, no entanto, os esposos, brandos por temperamento, cheguem a sair de si para se trahirem e maltratarem!

E ainda quando o adultério, a injuria e a sevicia perturbam a paz domestica, raramente vemos effectuar se a separação; umas vezes porque repugna ao orgulho dos esposos a publicação dos segredos da sua vida íntima, outras porque sendo pobres não podem supportar as despesas enormes e a perda de tempo, demandas por um processo de dissolução conjugal.

No entanto, o burguez acceitando a separação, apesar de lhe restringir os motivos, concorda até certo ponto com os anarchistas, não admittindo como elles a indissolubilidade da união sexual.

Entre nós, a lei, separando os conjugues, não lhes permite novas ligações. Mas não tardará muito tempo que a lei Naquet, importada do código francez para o nosso, deixe os esposos depois de separados, livres para se casarem de novo com quem mais lhes agradar.

Acceitando o divorcio, a burguezia franceza, como muito bem diz o camarada Jean Grave (1), forneceu-nos «um argumento contra a estabilidade da familia, pois que, depois de o ter repellido por longo tempo, reconheceu-o, emfim, necessario, sendo certo que elle vem destruir a familia, quebrando o casamento que é a sua sanção».

Apesar de menos completo, o argumento da simples separação, do código portuguez, permite nos que exclamemos com o apostolo da anarchia: «Que mais bella confissão a favor do amor livre poderíamos queter?! Pois não se torna bem evidente a inutilidade de sancionarmos com uma cerimonia, o que outra cerimonia pode desfazer?!»

E depois, nós vemos que foi impossivel em todos os tempos fixar sobre o mesmo objecto o amor do ser humano, por mais que o forçassem á obediencia da lei. Jámais o casamento religioso ou civil conseguiu ou conseguirá evitar que os esposos se atraíçoem; antes vemos que nas uniões legaes a traição é frequen-

(1) *La Société mourante et l'anarchie*. Livro profundo e d'uma logica invencivel, que levou Grave á prisão. O advogado de Grave chamou-lhe o evangelho da anarchia.

te, enquanto nas uniões *illicitas*, homem e mulher se respeitam muito mais.

Comparaes o viver da gente *amigada* com o viver da gente casada, e observareis que é muito mais duradora a harmonia entre os amantes, que se deram um ao outro voluntaria e incondicionalmente, que a harmonia entre os esposos que se casaram por interesse.

É que nas ligações voluntarias e incondicionaes, a mulher e o homem dão-se um ao outro por uma atracção natural de sentimentos, estreitando-se tanto mais, quanto mais se identificam nos seus desejos e pensamentos. N'estas circumstancias a livre vontade dos amantes garante a estabilidade da sua afeição, o que já a lei, por impotente e convencional, não pode estabelecer entre dois esposos que se detestam.

Atravez do desenvolvimento dos costumes, a pressão das leis, assim como não pode reprimir o crime nos seus effectos, por não saber combater-lhe as causas, menos conseguiu impedir que a mulher e o homem, casando-se, deixassem de entregar-se de per si a quem mais lhes agradasse.

Isto o que prova e o que prova tudo quanto temos dito? Que são absurdas, despoticas e deshumanas todas as leis que se inventem com o fim de regulamentar os impulsos do coração na variabilidade das suas tendencias e que só o amor livre consolidará as uniões sexuaes.

A lei é nulla nos seus effectos; pois supprima-se a lei, e que o homem e a mulher, com permissão exclusiva das suas vontades, possam gosar a noite sobre o mesmo leito, nos braços um do outro, de labios colados em beijos de prazer.

Santo Antonio dos Oliveaes,  
17 6-94.

M. d'A.

A timidez compõe-se do desejo de agradar e do receio de não ser bem succedido.

Anonymo.

## DEMONSTRAÇÃO

Alguns camaradas de Lisboa fazendo reparo nas palavras do numero 16 d' *A Propaganda* — os camaradas conimbricenses acompanham os do resto do paiz na sua attitude simplesmente anarchista, isto é, independente, livre do exclusivismo de qualquer das escolas economicas — promovem uma demonstração geral dos camaradas sobre o assumpto visto que, dizem, não ser aquella a attitude dos anarchistas portuguezes, que na sua maioria são communistas. A demonstração recae sobre os seguintes pontos:

1.º — A attitude dos anarchistas portuguezes tem sido independente das escolas economicas do anarchismo — communismo, collectivismo e individualismo?

2.º — Devem adoptar-se exclusivamente os principios de qualquer d'essas escolas, ou convem á propaganda da ideia em Portugal que elles se difundam indistinctamente?

3.º — Não sendo assim, que doutrina economica se deve seguir?

Um grupo de camaradas vai dirigir-se aos demais grupos do paiz, afim de que estudando-se e discutindo se, a questão, se accorde no caminho a seguir.

Esperamos...

## HESITAÇÕES

Tenho um amigo que emprega uma grande vontade de comprehender a vida. Naturalmente aspira ao que é simples, grande e bello. Mas a sua educação algemada por uma infinidade de prejuizos e mentiras, inherentes a toda a educação chamada superior, prende-o quasi sempre nos seus vãos para a libertação espirital. Quer libertar-se completamente das ideias tradicionaes, das rotinas seculares em que se affunda o seu espirito e a seu pesar não o pode fazer. Encontramo-nos muitas vezes e conversamos longamente. As doutrinas anarchistas tão calumniadas por uns e tão mal conhecidas por outros atrahem-o, e a sua boa vontade enorme, senão a acceital as todas, pelo menos a concebel-as. Não crê, assim como crêem muitas pessoas da sua classe, que ellas consistem unicamente em fazer ir casas pelos ares. Vê n'ellas pelo contrario, n'uma indicisão que se dissipara, formas harmonicas e bellezas. Tem por ellas interesse que se nutre por uma coisa que se amará, um pouco terrivel ainda e que se teme por se não comprehender bem.

O meu amigo leu os admiraveis livros de Kropotkine, os elequentes, fermentes e sabios protestos de Eliséu Reclus, contra a impiedade dos governos e das sociedades baseadas no crime. De Bakonine conhece o que os jornaes anarchistas têm publicado. Estudou Proudhon e Spencer. Recentemente a defeza de Eliévant comoveu-o. Tudo isto leva-o, por um momento, para as alturas em que se purifica a intelligencia. Mas de estas rapidas excurções atravez do ideal, volta mais indeciso que nunca. Mil obstaculos, puramente subjectivos, estorvam-no; perde-se n'uma infinidade de hesitações de toda a especie, de que elle me pede varias vezes esclarecimentos.

Ainda hontem quando me contava os tormentos da sua alma eu lhe disse:

— Grave de quem conhece a prudente e sã intelligencia, vai publicar um livro *A Sociedade Moribunda e a Anarchia*. Este livro é uma obra prima de logica. É cheio de luz.

Não é o grito do partidario cego e falto de talento, nem o rufar de tambor do propagandista ambicioso; é uma obra pesada, pensada, a trashedar de razão, é verdade que d'um convicto, d'um *que tem fé!* mas que sabe, compara, discute, analisa, e que, com uma clareza de critica unica, estuda os factos da historia, as lições da sciencia, os problemas da philosophia, para chegar ás conclusões que conheceis e de que se não pôde negar nem a grandeza, nem a justiça.

O meu amigo interrompeu-me com vivacidade.

— Não o nego. Sei que Grave quer por exemplo, a supressão do Estado. Eu apesar de mais moderado quero a tambem. O Estado pesa sobre o individuo com uma força cada dia mais esmagadora mais intoleravel. Faz do homem que elle embrutece, uma massa de carne para impostos. A sua missão unica é viver d'elle como um piolho vive do animal em que crava os sugadoiros. O Estado rouba ao homem o seu dinheiro miseravelmente ganho na grilheta o trabalho; sarcia-lhe a cada momento a liberdade com as suas leis; atrofia-lhe desde o berço as suas fa-

culdades individuaes, ou falceia-as, o que é o mesmo. O Estado é assassino e ladrão, Logo que o homem quer andar, o Estado quebra-lhe as pernas; se estende os braços parte-lhos e se se atreve a pensar, o Estado toma-lhe o craneo, e diz-lhe-Caminha e pensa, por onde e o que eu te mandar».

—E depois? disse eu.

O meu amigo continuou:

A anarchia é pelo contrario a emancipação do individuo, é a liberdade do seu desenvolvimento normal e harmonico. Pode-se definir assim: a utilização espontanea de todas as energias humanas, esbanjadas criminosamente pelo Estado! Sei isso e comprehendo a razão d'uma juventude artistica e que pensa,—a elite contemporanea — veja com impaciencia, levantar-se esta aurora esperada em que ella distingue não só um ideal de justiça, mas um ideal de belleza.

—E então? disse eu de novo.

—Uma coisa me sobressalta e inquietta: o lado terrorista da anarchia. Repugnam-me os meios violentos, tenho horror ao sangue e á morte, e queria que a anarchia esperasse o seu triumpho unicamente da justiça do futuro.

—Credes então que os anarchistas sejam bebedores de sangue? Não sentis a immensa ternura, o immenso amor da vida, de que está cheio o coração, d'um Kropotkine! Isso são fatalidades inseparaveis de todos os lutos humanos e contra os quaes nada se pode... Sim!... e quereis que vos faça uma comparação classica?... A terra está secca: todas as plantas e todas as pequenas flores são queimadas por ardente sol de morte; murcham, curvam-se, vão morrer... Eis que uma nuvem fusca o horizonte avança e cobre o ceu abrazado. Caem raios e a agua corre sobre a terra que estremesse. Que importa que aqui e acolá tenha derribado um carvalho enorme, se as pequenas plantas que iam morrer, regadas e frescas levantam as astes, e mostram as suas flores ao ar tornado calmo... Vêdes que não devemos commover nos demasiadamente com a morte dos Carvalhos vocazes... Lêde este livro de Grave. Grave diz, sobre este assumpto coisas excellentes. Se depois da leitura d'este livro, onde são decentidas e alumiadas tantas ideias, se depois de o terdes pensado como a uma obra d'este vulto intellectual, não chegardes a crêr nas convicções staveis e tranquillias, advirto-vos que mais valerá renunciardes a ser anarchista e ficardes sendo o bom burguez, o burguez «a seu pesar» que vós sois talvez...

Octave Misbeau

Do programma dos espaventosos festos que ahí vão dar-se:

Por interferencia de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo Conde, concedeu Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Nuncio Apostolico em Portugal a graça de ser permitido comer de carne na sexta feira, 6 de Julho.

A graça... tem graça.

Fiquem sabendo as gentes que nem o sr. bispo nem o sr. nuncio—generosa e santa gente—levam coisa alguma pela permissão — a graça é de graça, não ha necessidade de comprar bulla.

Ora sr. bispo, mail-o seu nuncio, faça lá nisso.

Toda a gente come carne desde que a tenha, sem precisar de suas taludas permissões.

## DE NOJO

Não foi possível á *Gazeta Nacional*, pelo estado de consternação em que ficou, cognominar o acto de Lyon, que teve como resultado a morte de Carnot; tambem pelo mesmo estado de consternação não poude fazer divagações sobre o que tenha sido o commettimento do homem que feriu o presidente da republica, mas promete, logo que o socego do seu espirito lh'o consinta, fazer tudo isso e... mais alguma coisa.

Pelo mesmo estado de consternação pôz no seu artigo notas d'uma graça infinda, que não salientamos em respeito á sua manifestada dôr.

A nossa reverencia ante o seu nojo!...

Enviando-lhe pois a expressão da nossa condolencia, aguardamos impacientes a sua denominação para o acto e as suas divagações sobre o que elle terá sido.

O amor é sobre tudo o sentimento, antes do matrimonio; é sobre tudo uma função, depois. Em biologia, o amor pôde ser definido: a fôrma e deologica da selecção. Em moral, o amor é a fusão de duas almas.

O Beldemonio.

## GRITO DE VICTORIA

Na segunda feira ultima á noite, os anarchistas de Lisboa affixaram nas esquinas uns cartazes vermelhos, dizenlo o seguinte:

Emfim!

Ravachol, Vaillant e Henry estão vingados.

Os anarchistas pelo braço de Cesario Giovanni acabam de fazer justiça. Foi morto Sadi Carnot, o presidente da republica franceza.

Desengane-se a burguezia. O nosso caminho está traçado: — Olho por olho, dente por dente.

Viva á vingança!  
Abaixo a burguezia!  
Hurrah pela Anarchia!

A policia foi avisada do que se passava, e foi transmittida logo ordem para todas as esquadras para serem presos os individuos que fizessem a distribuição ou affixassem os cartazes.

O cabo 513 chegou a prender seis individuos hespanhoes, que se empregam na venda de rendas, como suspeitos de terem sido elles quem affixaram os cartazes. Foram apalpados, mas nada lhes encontraram.

A policia procura descobrir a typographia onde foram impressos os manifestos e busca os seus redactores e affixadores. Pensa tambem em realizar uma busca em casa dos hespanhoes.

Os presos foram já entregues á justiça. Negam terem affixado cartazes.

Tão arduo é plantar uma nova doutrina e attrahir-lhe adeptos e proselytos, como é embaraçoso desenraizal-a depois e substituil-a por outro credo.

Visconde de Ouguella.

## VISITA

Bateram-nos impetuosamente á porta. Corremos a abrir.

Era a lei. Grave, carrancuda, num *aplomb* engraçadissimo, envolveu-nos num olhar feroz, ameaçador.

Não nos encheu de espanto a sua visita; tambem nos não tomou de surpresa. Se a atacamos sem rodeios, sem respeito pelos seus faros de intangivel, de presumir seria que um dia nos visitasse... Sem a esperarmos, pois, suppunhamos que viria... e veio. Ainda bem...

Assim, olhamol-a indifferente, recebemol-a sem preoccupações; nem pensámos em inquirir-lhe a que deviamos a honra da visita; *ella* ia falar.

Marte queixara-se-lhe de nós; disse-ra-lhe que ousamos tocar-lhe commentando num caso, occorrido no quartel do 23, que as folhas ahí noticiaram numa blandicie toda susto, toda cautella, toda respeito hypocrita pelos galões reluzentes dos filhos maiores d'essa deusa orgulhosa. E, lacrimosa, solluçante qual Magdalena dorida, com o coração alanceado pela dôr pungentissima que lhe accarretára o nosso desrespeito an'e a *inviolabilidade* de seus bem amados filhos, reclamou á lei o nosso castigo. E a lei vai castigar nos.

Tremam, pois, o ceu, a terra e o mar, que sobre a nossa cabeça vai cair o latigo furibundo da lei. Vamos ser esmagados pela sua potentissima força, reduzidos á expressão mais completa do NADA!  
Horror!

Pelo Commandante do regimento de infantaria 23 foi enviado, com officio, ao agente do ministerio publico da comarca de Coimbra o n.º 2 da *Conquista do Bem*, apontando-se o artigo — *Insubordinação militar*, publicado nesse numero, como incurso na penalidade prescripta no artigo... tantos do codigo. Adoptou se o procedimento criminal contra nós, e o nosse editor foi intimado para prestar declarações, o que já fez.

Do que vai seguir se uma coisa se apurará sem duvida — é que o caso que apontámos se deu, mas que apesar d'isso somos levados á barra do tribunal por tel o feito publico.

Apontar violencias exercidas por maiores sobre menores, constitue um crime, e a pratica de taes violencias uma virtude — tal é a moralidade do credo burguez.

E pois que assim é, visto como não morremos d'esta — que, se morressemos, outros se nos seguiriam — continuaremos á disposição da lei.

Que ella nos não perca de vista, que pela nossa parte são-nos gratas as suas attentões.

De resto, a lei viu-nos, ouviu-nos e sentiu que a maguamos. Bello peruncio. Sómente nos molesta que tivesse ferido a nossa modestia, procurando destacar-nos d'essa imprensa mercante que ahí *ganha* a vida commodamente engraxando botas altas e escovando casacas finas ou fardalhões catitas; emtanto, nem por isso regatearemos á lei o nosso agradecimento.

Gratos até sempre...  
Mais nada por agora.

## Echos & Noticias

### Attentados

Na manhã de 12 do corrente foi encontrada por baixo das janellas do agente de policia Roux, em Boulogne-sur-Mer, uma bomba explosiva. A mecha tinha sido apagada pelo peso da bomba.

Algumas horas depois, foi preso o autor do attentado, um alfaiate chamado Cussey, já de ha muito perseguido por causa das suas ideias anarchistas.

Adolpho Brenner, tendo dito que se havia de vingar de seu patrão Guilherme Weyerlé, dirigiu-se a casa d'este ultimo, na rua Blecker, em Williameburgo (Nova-York), levando no bolso um revolver carregado e duas bombas de dynamite.

Guilherme Weyerlé estava rodeado da familia quando Brenner se apresentou e fez fogo primeiro sobre o dono da casa que recebeu uma bala na roupa. Os filhos mal tiveram tempo de fugir.

Accudiram os agentes de policia. O anarchista, ao ver-se preso, desfechou um tiro de revolver na bocca mas só conseguiu ferir se.

Nos bolsos de Adolpho Brenner encontraram-se duas bombas carregadas de dynamite, tendo a mecha prompta para ser accesa. Declarou que era seu intento matar o patrão e toda a familia com o revolver e depois fazer-lhe saltar a casa por meio das bombas.

### Grève

Os mineiros escocizes annunciam que se porão em grève brevemente. Esta grève mineira, a mais importante das que tem havido na Escocia, attingirá a força de 70:000 homens.

### Meunier

O anarchista Meunier que se refugiou em Londres e cuja extradicação fôra reclamada ao governo inglez, chegou a Paris e foi encerrado na Conciergerie.

### Ao povo

São de um dos manifestos dos camaradas italianos, encimado por estas palavras—*Ao povo de Italia*, estes periodos:

«O odio contra todas as injustiças que te fazem soffrer teus patrões e senhores, não deve ser a unica arma com que deves resolutamente combater. Não. Tu não deves combater sómente por vingar-te, esmagando os que lançam na miseria as tuas familias. Não. Tu deves combater por uma ideia, por um fim, que deves ter na consciencia e cuja convicção deves sentir no coração.

«A ideia de transformação social, o escopó final da emancipação existe e é «a Anarchia» — sociedade sem governo, povo em liberdade. É por ella que tu deves combater.

«...Depende de ti o seres livre e independente.

Escreve aos teus filhos soldados para desertarem; imede os outros de se apresentarem em armas. Não pagues mais contribuições. Armado como podéres, sai resolutamente ás ruas para combateres os teus espoliadores. Corta todos os fios

telegraficos, faz saltar todas as pontes dos caminhos de ferro, rompe todas as communicações entre as localidades. Assim o governo, perdendo o fio das informações, perderá o fio da repressão, e não sabendo para onde enviar os seus quadriheiros, suicidar-se-á».

«Ávante e coragem! Toma de assalto e desarma todos os postos de policia, incendia tribunaes, archivos, palacios municipaes, e governos civis, queimando todos os titulos e documentos de propriedade e quaesquer outros que lá houver. Toma posse de tudo. Tu com o teu trabalho fizeste tudo; tudo deves por justiça desfrutar; tudo, em vez de andares nu e com fome.»

### Contra Crispi

Ha dias, quando Crispi ia para a camara dos deputados, Liétro Lega, anarchista, disparou um tiro de revolver contra a carruagem.

Crispi ficou illeso, Lega preso, lamentando não o haver matado.

### Suprimido

Foi *Asino Umno* nosso confrade de S. Paulo, Brazil.

...Na republica do Brazil, que apregôa aos quatro ventos *liberdades*...

É para não degenerar...

### El Corsario

Este nosso confrade, espanhol, acaba de publicar uma folha solta, em que, mais uma vez affirma as suas convicções anarchistas.

Dirigindo-se aos companheiros anarchistas, deseja, que todo aquelle que tenha algum dado, alguma prova dos martyrios infligidos aos nossos camaradas, a communique a J. Montseny, Nollas, 1, Reus, por isso que, vai publicar um folheto, em que mostrará o modo como hão sido tratados nossos companheiros que teem sido encarcerados, e de que não ha exemplo na historia das tiranias.

O folheto será distribuido gratis, admitindo em pagamento o que a vontade e os meios de cada um permitta. O producto será para as familias dos tres companheiros que succubiram aos barbaros tormentos e para as dos seis ultimamente assassinados.

### Grève dos chapelleiros

Continua em Lisboa, a grève dos operarios chapeleiros da fabrica de José Ignacio da Costa. Os operarios estão resolvidos a manterem-se na sua attitude, não querendo ceder nenhuma das suas regalias. Os grevistas teem reunido todos os dias, procurando a adhesão não só dos operarios chapeleiros de Lisboa, como do resto do paiz e do estrangeiro. Foram já recebidas adhesões dos operarios chapeleiros do Porto.

### Conspiração

Os jornaes referem boatos de ter sido descoberta uma conspiração anarchista na cidade de Washington, que tinha por

objectivo fazer saltar os monumentos publicos e a casa de residencia do presidente Clevelano...

Sabe-se o que são estas invenções policiaes—pretextos para prisões.

### Na Sicilia

Trinta mil operarios das minas de enxofre estão sem pão. Ameaçam lançar o fogo ás cearas, dizendo que, visto que elles estão condemnados a morrer de fome, querem que os outros soffram a mesma sorte.

### Pela Guiné

Enlevado, um jornal diz estes «grandes feitos que os portuguezes obraram» ha pouco, lá pela Guiné.

«Um marinheiro partiu a espingarda na cabeça de um pretó, matando-o estantaneament.

Depois do saque foi a povoação incendiada, sendo morta a tiro uma feiticeira cega, que appareceu á porta de uma cubuta.

«É costume dos indigenas d'Africa cortarem a cabeça de inimigos... Alguns dos marinheiros chegados hontem trazem orelhas cortadas d'essas cabeças...

Demonstração flagrante da nobre valentia e alta civilização da burguezia que concorrem em suas pessoas...

## Conquista do Bem

### CADA NUMERO 10 RÉIS

A cobrança será feita por series de 10 numeros, com o accrescimo do porte do correio.

Esperamos o auxilio pecuniario de todos os que se interessarem pela propagação da ideia anarchista.

Pedimos ás pessoas a quem enviamos o jornal o favor de nol-o devolverem, caso não queiram auxiliar-nos com a sua assignatura.

A correspondencia será dirigida: Rua da Louça, n.º 80, 2.º—Coimbra.

## Bibliotheca anarchista

<i>A minha defeza</i> , de Etiévant.	30 réis
<i>A lei e a auctoridade</i> , de Kropotkine .....	40 réis
<i>O Salaricato</i> , de Kropotkine ..	30 réis
<i>A Revolta</i> , 2.ª série, 44 numeros .....	400 réis

Pedidos a *A Propaganda* — Travessa de Sant'Anna, 27 — Lisboa.

*Consideraciones sobre el hecho y muerte de Pallás*. Preço—Cada um segundo sua vontade. O producto é para a familia de Pallás.

Pedidos á *Conquista do Bem*.

EDITOR—Antonio José da Costa

Typographia e Administração  
Rua da Louça, n.º 80, 2.º



# Conquista do Bem

Está inaugurada em Portugal a época de perseguição ao ideal anarchista, e é em Coimbra que apparecem as primeiras manifestações d'essa perseguição.

A *Conquista do Bem*, pelo visto, *maguou* a lei e mereceu-lhe a distincção de responder com um processo ao artigo — *Insubordinação militar* — publicado em o n.º 2, e com outro ao artigo — *Carnot* — publicado em o n.º 4. Supponmos terem sido inspirados, o primeiro pelo commando do regimento de infantaria 23, e o segundo pelo commissariado de policia civil.

Longe de nos pôr em sobresalto, de nos amedrontar, este facto sómente nos traz a maior satisfação. — Teria sido nada menos do que mesquinha, a nossa obra, se porventura a lei não a visse. Viu-a, e nisso está o seu valor. . .

Para que uma ideia crie adeptos, se fortaleça e vingue, é necessario que a persigam, que tenha martyres: — atesta-o eloquentemente não só a historia do passado, mas a marcha sempre crescente da propagação e acceitação do nosso ideal, não obstante o empenho de repressão, traduzido nas prisões que se multiplicam, nos fusilamentos que se repetem, nas decapitações que se succedem. Tudo isso é nada ante a fé que anima os apóstolos da Anarchia.

A lei não é, pois, para nós, mais do que um poderoso auxiliar. Cada uma das suas manifestações de repressão nos fornece um ensejo de propagar, de diffundir o ideal por que trabalhamos. Presta-nos um serviço quando julga castigar-nos.

Que a lei o veja, mas que não pare na sua obra. Ser-nos-ia uma contrariedade que parasse.

Isto assente e acceite, fica intendido que não recuaremos e que nos achamos dispostos a acceitar, nas melhores disposições, todas as responsabilidades que a lei queira impôr-nos pela nossa obra, todas as perseguições, todas as penas a que julgue dever sujeitar-nos. Apesar de tudo propagaremos e defenderemos a Anarchia, sempre e onde quer que possamos fazel-o, sem nos preoccupar que a lei nos veja, nos ouça e nos alcance de novo.

As duas visitas que se dignou fazer-nos, ou antes, o facto de ir condemnar-nos, como castigo á nossa obra, tem para nós a altissima significação d'uma victoria.

A par de ser um bello prenuncio sentir a lei que a *maguamos*, accresce a circumstancia, repetimol-o, de ser ella propria quem nos destaca d'essa imprensa que ahí *ganha a vida* commodamente, engraxando botas altas e escovando casacas finas ou fardalhões calitas. Salienta-nos e impõe-nos á admiração, quando pretendia amordaçar-nos e tornar-nos ignorados, porque dará margem a ver-se que a provocámos de novo, tendo supportado, impassiveis, o seu primeiro ataque.

Simplemente bello! . . .

Cumpra ella, pois, o que julga o seu dever — perseguir-nos; cumprimos o nosso — reagir propagando e defendendo-nos. . .

Certos que a lei, sómente por meio dos processos que houve por bem promover contra nós, não conseguiria emmudecer-nos, salienta-

remos a contrariedade que a sua obra, muito indirectamente, nos acarretou.

O medo que se apossou dos proprietarios das typographias de Coimbra, alliado ao odio que nutrem pelo ideal que defendemos, levou-os a fecharem-nos as portas. Não temos um unico que se preste a compôr e imprimir a *Conquista do Bem*, vendo-nos, por isso, forçados a suspender temporariamente a sua publicação.

Secundam assim a obra da lei, cuja mira é o desaparecimento da *Conquista*, a que se move uma guerra insistente. Lutaremos contra ella, e neste intuito deligenciaremos colher meios para comprar material typographico, tanto quanto baste para a feitura do jornal e para um ou outro pequeno folheto destinado á propaganda.

Appellamos para o auxilio dos nossos camaradas a fim de levarmos por diante o nosso intento, como appellamos tambem para elles no sentido de haver alguns recursos para soccorrer na cadeia o nosso camarada Antonio José da Costa, autor dos artigos incriminados e que por elles vai responder.

Se um novo processo nos fôr depois promovido, com a mira de nos ser empolgado o material, a lei não conseguirá o seu fim senão com grandes perdas, visto como o valor do que tencionamos adquirir e nos basta, não dará sequer para os sellos e papel que o processo custará. Depois. . . facil será havel-o de novo.

Qualquer auxilio para os fins indicados pode ser enviado á administração da *Conquista do Bem*.

Trabalhemos pelo nosso querido ideal!  
Lutemos pela Anarchia!

A fim de podermos desde já occorrer ás primeiras despezas vamos proceder á cobrança da importancia dos numeros até agora publicados.

A proposito:

No seu *Conimbricense* n.º 4:889, o sr. Joaquim Martins de Carvalho faz-se preegoiro da suspensão da *Conquista* e dá como causa determinante — *embaraços com que lutava e falta de documentos essenciaes na habilitação do editor*, indo, por este facto, o ministerio publico requerer, se não requereu já, a supressão do jornal

Muito conhecedor da vida alheia, qualidade distincta no sr. Martins, a s. ex.ª não resta duvida ácerca dos embaraços que amofinavam a *Conquista*; sabe de cór e salteado a cotação dos fundos de que ella dispunha, não obstante nunca lhe ter sido rogado que a incluísse na lista dos seus pobres, para quem o sr. Martins é todo caridade por conta alheia.

Mas não carecia d'isso s. ex.ª A' sua sagacidade não escapa coisa alguma: — sabe de tudo e de todos, e assim é que dá conta do que nós ignoramos. Um argus, o sr. Martins. E porque o é, decerto lhe não resta duvida de que não ignoramos o alcance da sua léria e ao que a destina, nem de que conhecemos bem o valor do seu manifestado sentimento.

Ignorante ou velhaco, como queiram, atirou

aos quatro ventos, á guisa do balão d'ensaio a sua *informação*, com a mesma facilidade com que apregoa as suas virtudes e excellencia de merecimentos, á falta de quem lh'os reconheça. Terá attingido ou conseguirá attingir o seu fim? Veremos.

A'cerca de embaraços, temos conversado; — a *coisa*, para nós vale tanto como o sr. Martins, todo encadernado na sua prosapia de incomparavel. Da falta de documentos que s. ex.ª diz ter havido, a verdade é que, ao ser entregue o processo de habilitação, não foi accusada pela instancia respectiva a falta de qualquer documento, que o sr. Martins apregoa: — ao contrario foi recebida sem a mais simples objecção; e no entanto a lei alguma coisa prescreve para o caso de falta de documentos.

Como é, então, que só depois de publicados quatro numeros se nota essa falta? Porque a não viram logo, como lhes cumpria, os que superintendem em tal assumpto, se por ventura a falta existe? Houve menos attenção pelo objecto de que se tratava, ou ignorancia da lei reguladora do caso?

Que responda o sr. Martins de Carvalho, pois que é s. ex.ª quem vem insinuar que houve uma ou outra coisa — é a sumula a tirar da sua *innocente informação*.

Mas não responderá, estejam certos, porque é sufficientemente *facil* para deixar correr a léria sem a esclarecer. Depois, sabe que do que se escreve alguma coisa fica — esse é o seu fim — e, velha raposa, seguirá o seu conhecido processo de *escudar-se com a prudencia do silencio* para fugir á explicação dos seus artificiosos balões.

A *Conquista* suspende sómente por não haver um proprietario de typographia que se preste a fazel-a. Até hoje não ha outro motivo de suspensão.

Com que ella não volte a sair, conta já o sr. Martins e isso o alegra — vê-se da redacção do seu *artigueto*, que tresanda a paixão — porque temos ousado beliscar a sua ridicula vaidade e o seu reconhecido espirito mercantil; mas é ainda cedo para cantar victoria. Descance que havemos de achar meio não só de continuar a criticar a sua obra na *escalada do bom nome*, como o temos feito, mas ainda de lhe arrancar a mascara por uma vez, já agora sem os restos de respeito pela sua idade que ainda determinava em nós uma tal ou qual complacencia. E' muito da nossa intimidade toda a sua historia no jornalismo. . . ; nessa qualidade o apreciaremos.

Muitissima gente conhece já quanto s. ex.ª é venal e traiçoeiro, mas é certo que muito pouca se atreve a romper com elle. Os seus *serviços* á liberal e á liberdade. . . Os seus annos. . .

A allegação de que é um pobre velho, não colhe ante a sua posição de jornalista, mercantil e rancoroso, com exigencias de respeito e vaidades de inagualavel; como tal não está isento das responsabilidades que o seu orgulho e as suas ocas presumpções lhe acarretam.

E' velho, mas é petulante, e d'um autoritarismo que irrita.

Contamos que até breve, sr. Martins.

E que a resignação o não abandone, se por ventura o seu *artigueto* não der o resultado a que o destinou.